

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
RICARDO DIAS**

O Sertão mineiro de **Vila dos Confins**, romance de
Mário Palmério, na mala do caixeiro viajante Xixi Piriá.

Juiz de Fora
2015

RICARDO DIAS

O Sertão mineiro de **Vila dos Confins** romance de
Mário Palmério, na mala do caixeiro viajante Xixi Piriá

Dissertação apresentada ao Centro de
Ensino Superior de Juiz de Fora / CES/JF,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Letras, área de
concentração: Literatura Brasileira;
Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira:
tradição e ruptura.

Orientadora Acadêmica: Prof.^a Dr.^a Maria
Aparecida Nogueira Schmitt

Juiz de Fora
2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

Dias , Ricardo

O sertão mineiro de Vila dos Confins, romance de Mário Palmério, na mala do caixeiro viajante Xixi Piriá / Ricardo Dias / Juiz de Fora, 2015.

90 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Bibliografia: f. 89-90

1. Palmério, Mário, 1916—1996 – Crítica e interpretação.
2. Transculturação narrativa. 3. Personagens. I. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. II. Título.

CDD – B869.93

DIAS, Ricardo. **O sertão mineiro de Vila dos Confins romance de Mário Palmério, na mala do caixeiro viajante Xixi Piriá.** Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora / CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em letras, área de concentração: Literatura Brasileira; Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura, realizada no 2º semestre de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Nogueira Schmitt (CES/JF)

Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (UFJF)

Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF)

Examinado (a) em: 09 / 11 / 2015.

Dedico este trabalho a Deus e aos meus amados e abençoados filhos, Marcela e Raphael dos quais muito me orgulho, e a você Renata, incansável estimuladora, que muito contribuiu para a realização deste sonho.

Ricardo

A todos vocês... Muito Obrigado!

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, em primeiro lugar, pelo dom da **vida**, pelos ensinamentos diários pelas pessoas que colocou em nosso caminho, por tudo o que nos proporciona e pela oportunidade de realizar nossos sonhos, dando nos forças nos momentos mais difíceis. **Obrigado Senhor.**

De forma muito especial à minha aguerrida orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Nogueira Schmitt, pelo empenho em apresentar-me os encantos da literatura e conduzir-me a intensas reflexões em torno da trajetória da transculturação narrativa e acreditar que juntos poderíamos realizar um bom trabalho.

Aos meus filhos Marcela e Raphael que sempre demonstraram orgulho de seu Pai.

Aos professores do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, pelos ensinamentos e atenção em todos os momentos.

Aos familiares e amigos cujos carinhos, vibração e incentivo muito me estimularam e fortaleceram nos momentos em que tive que me ausentar e isolar-me de seus calorosos convívios para poder prosseguir na realização deste trabalho.

A minha querida Renata, pelo Amor, apoio e pela incondicional compreensão, sem a qual eu não teria tido forças para chegar ao final.

Aos dedicados membros da banca examinadora da qualificação e defesa Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (UFJF) e Prof^a. Dr^a. Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF), pelas criteriosas análises e expressivas contribuições para o término deste trabalho.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, que disponibilizou a Bolsa do Programa de Qualificação – Proquali, pelo incentivo de Qualificação de seus funcionários.

Aos **colegas da turma**, por todo companheirismo vivenciado durante o curso, com desejo de que a amizade conquistada assim perdure, independentemente de onde estivermos.

A todos, que direta ou indiretamente nos apoiaram no decorrer dessa pesquisa, nossa eterna gratidão...

Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho.
(Eclesiastes 2,24)

RESUMO

DIAS, Ricardo. **O Sertão mineiro de Vila dos Confins romance de Mário Palmério, na mala do caixeiro viajante Xixi Piriá**. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2015.

Em um território tão diversificado, onde as comarcas intelectuais passaram por profundas e extensas transformações em seu contexto geral, fruto de um processo de trocas culturais, não há como pensar em uma literatura que não tenha como característica abordar essa variedade do povo latino americano. Mesmo diante da notória referência da literatura europeia, introduzida e existente nessas terras, seria necessário que houvesse uma literatura que valorizasse o regional. É partindo dessa diversidade que a presente dissertação busca apresentar a teoria da Transculturação Narrativa proposta pelo crítico uruguaio Ángel Rama. Por meio dela é possível analisar os processos transculturais no fazer literário do romance **Vila dos Confins**, obra do escritor mineiro Mário Palmério (1916-1996). A partir do processo da transculturação no nível da estruturação narrativa, que o intelectual Rama buscou, por meio de artigos, textos e intercâmbios, pode-se pensar em uma literatura voltada para a América Latina, de forma mais compacta, capaz de registrar suas histórias regionais como um todo. Rama enfatizou em suas obras o momento em que a literatura latino-americana começava a se voltar para suas particularidades em oposição às influências europeias, valorizando, assim, a cultura regionalista nacional de cada comarca do novo continente. Nessa ótica, há no romance **Vila dos Confins** o reconhecimento da diversidade cultural, uma vez que o romance apresenta o mundo regional rural do personagem fazendeiro, o senhor e coronel da região, e sua influência entre os iletrados, na visão do autor, com experiência na cultura letrada. A obra de denúncia política é um meio de combater as injustiças, o abandono dos governantes e os mandos e desmandos dos coronéis locais que, por intermédio de seus temíveis jagunços, tinham o poder de matar e destruir em nome de seu patrão. A obra caracteriza-se como uma luta do civilizado contra o poder do primitivo, do desenvolvimento contra a força bruta, da democracia contra a violência, mostrando-se como a caminhada do homem rumo à evolução social. Em **Vila dos Confins**, Palmério utiliza inventivamente a linguagem por meio do resgate de falas e modos de expressão regional ou local do homem sertanejo. O ponto de destaque da obra é o fato de narrar a história do homem do sertão, indivíduo capaz de enfrentar os mais terríveis problemas de sobrevivência em um ambiente em que está entregue à própria sorte. Vítima do abandono dos governantes, esse homem é um herói, representado aqui pelo humilde homem da roça e o pobre mascate **Xixi Piriá**, que convive com toda a sorte de perigos, condenado pela falta de recursos, ao mesmo tempo em que se mostra capaz de crescer nos momentos de conflito e dificuldades, com o objetivo de lutar contra os desmandos e vencer os mais terríveis opositores.

Palavras-chave: Palmério. Política. Transculturação. Sertão. Xixi Piriá.

RESUMEN

DIAS, Ricardo. **El Sertão minero de Villa de los Confines novela de Mário Palmério, en la maleta del viajante Xixi Piriá**. 90 f. Disertación (Maestría en Letras). Centro de Enseñanza Superior de Juiz de Fora, 2015.

En un territorio tan distinto, donde las comarcas intelectuales pasaron por profundas y extensas transformaciones en su contexto general, fruto de un proceso de cambios culturales, no hay como pensar en una literatura que no tenga como característica abordar esa variedad del pueblo latinoamericano. Aunque ante la notoria referencia de la literatura europea, introducida y existente en esas tierras, sería necesario que hubiese una literatura que valorara lo regional. Desde esa diversidad que la presunta disertación procura presentar la teoría de la Transculturación Narrativa propuesta por el crítico uruguayo Ángel Rama. A través de ella es posible analizar los procesos transculturales en el hacer literario de la novela **Villa de los Confines**, obra del escritor minero Mário Palmério (1916-1996). A partir del proceso de la transculturación en el nivel de la estructuración narrativa, que el intelectual Rama procuró, a través de los artículos, textos e intercambios, se puede pensar en una literatura vuelta a la América Latina, de manera más compacta, capaz de registrar sus historias regionales como un todo. Rama enfatizó en sus obras el momento en que la literatura latinoamericana empezaba a volver su mirada a sus particularidades en oposición a las influencias europeas, valorando, así, la cultura regionalista nacional de cada comarca del nuevo continente. Desde ese punto de vista, hay en la novela **Villa de los Confines** el reconocimiento de la diversidad cultural, ya que la novela presenta el mundo regional rural del personaje hacendado, el señor y coronel de la región, y su influencia entre los iletrados, en la visión del autor, con experiencia en la cultura letrada. La obra de denuncia política es un medio de combatir las injusticias, el abandono de los gobernantes y los mandos e desmanes de los coroneles locales que, por intermedio de sus temibles capataces, tenían el poder de matar y destruir en nombre de su patrón. La obra se caracteriza como una lucha del civilizado contra el poder del primitivo, del desarrollo contra la fuerza bruta, de la democracia en contra la violencia, enseñándose como la caminata del hombre rumbo a la evolución social. En **Villa de los Confines**, Palmério utiliza inventivamente el lenguaje a través del rescate de hablas y modos de expresión regional o local del hombre *sertanejo*. El punto de destaque de la obra es el hecho de narrar la historia del hombre del *sertão*, individuo capaz de enfrentar los más terribles problemas de supervivencia en un ambiente en que está entregado a la propia suerte. Víctima del abandono de los gobernantes, ese hombre es un héroe, representado aquí por el humilde hombre del campo y el pobre canastero **Xixi Piriá**, que convive con toda la suerte de peligros, condenado por la falta de recursos, al mismo tiempo en que se muestra capaz de crecer en los momentos de conflicto y dificultades, con el objetivo de luchar en contra los desmanes y vencer los más terribles opositores.

Palabras clave: Palmério. Política. Transculturación. *Sertão*. Xixi Piriá.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A DIVERSIDADE CULTURAL DO HOMEM NO CENÁRIO BRASILEIRO	12
3 OS PROCESSOS TRANSCULTURAIS QUE ATUAM NO SISTEMA LITERÁRIO DA AMÉRICA LATINA – FERNANDO ORTIZ E ÁNGEL RAMA	23
3.1 O CONCEITO DE TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA PROPOSTO POR ÁNGEL RAMA	28
3.2 ÁNGEL RAMA E AS ESPECIFICIDADES DA LITERATURA LATINO-AMERICANA	32
3.3 A TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA PROPOSTA POR ÁNGEL RAMA	42
4 TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA EM VILA DOS CONFINS	49
4.1 O CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO SOB A ÓTICA TRANSCULTURAL NO ROMANCE DE MÁRIO PALMÉRIO	57
4.2 OS PROCESSOS TRANSCULTURAIS NO FAZER LITERÁRIO DA OBRA VILA DOS CONFINS	60
5 A REPRESENTATIVIDADE DE XIXI PIRIÁ NA TRAMA ROMANESCA	72
5.1 APROXIMAÇÕES POLÍTICO-LITERÁRIAS NA ATUAÇÃO DO CAIXEIRO-VIAJANTE XIXI PIRIÁ	79
5.2 O CARÁTER ATEMPORAL DE VILA DOS CONFINS	80
6 CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa a investigar qual o alcance da teoria crítica da transculturação narrativa na abordagem do romance do escritor mineiro Mário Palmério, **Vila dos Confins**, uma obra de denúncia do autoritarismo no interior dos sertões brasileiros e de conscientização política.

Buscar-se-ão em **Vila dos Confins**, dados que indiciem os caminhos de abordagem crítica sob o aporte teórico da transculturação narrativa, dentro dos propósitos do crítico uruguaio Ángel Rama, e das considerações do antropólogo cubano, Fernando Ortiz.

Na segunda seção, será abordada a diversidade cultural presente no cenário brasileiro que envolve o homem e todo seu ambiente. Este cenário é compreendido como um meio de comunicação e aprendizado de sua espécie, que é infinito em possibilidades. Tais perspectivas ocorrem mediante necessidades da humanidade em romper com o cotidiano para desbravar caminhos, sempre em busca do novo, do não conhecido, rumo ao progresso. Diante disso, torna-se possível prever que, no universo das dimensões continentais, a estrutura cultural de cada povo não se esquivava em sua estrutura de novas possibilidades e rompimentos, uma vez que a cultura está sempre em movimento.

Na terceira seção, serão considerados os processos transculturadores que atuam no sistema literário latino-americano na visão antropológica de Fernando Ortiz (1983) e no processo de abordagem crítica que atenda as especificidades da literatura do continente, proposto por Ángel Rama. Estudos têm evidenciado as constantes mudanças que ocorrem nas condutas do homem, que iniciam com seu desenvolvimento como ser sociável que é por natureza. Ao discorrer sobre tais mudanças, necessário se faz reportar a conceitos presentes neste trabalho, como, por exemplo, refletir sobre a literatura produzida em meio as mudanças dos homens brancos europeus e negros escravizados que trouxeram consigo suas raízes culturais, seus costumes. Ao se estabelecerem no novo continente, trocaram costumes e tradições, aprenderam e ensinaram, passando pelos processos transculturadores.

Na quarta seção, refletir-se-á sobre os conceitos da transculturação narrativa em **Vila dos Confins** (1983). A narrativa do escritor mineiro Mário Palmério é vigorosa e oferece possibilidades de abordagem pelo aporte teórico da proposta

crítica do uruguaio Ángel Rama. A partir da atuação do caixeiro viajante Xixi Piriá, personagem que percorre todo o sertão em suas andanças, registram-se elementos sobrevidos da exploração autoral do regional e da mineiridade, em trânsito constante do contexto histórico ao literário. Nesse sentido, o autor se encarrega de apresentar o sertão dos Confins com suas particularidades, uma área de múltiplas fronteiras que se integra além das forças do tempo e do homem.

Na quinta seção, será considerado o alto grau de representatividade de Xixi Piriá na trama romanesca, como comerciante, mensageiro e amigo. Será constatado que a dualidade do caráter do homem, está configurada neste personagem que, de um homem de porte frágil e comportamento pacífico, se agiganta ao final do romance, surpreendendo a todos.

Serão considerados, neste estudo, aspectos da politicagem que atua como elemento controlador dos que precisam de se submeter aos desmandos do autoritarismo dos poderosos.

A política mostra-se ao longo da narrativa como um elemento que revela as intenções mais secretas dos personagens e os segredos ocultos no interior do **Sertão dos Confins** que produzem uma aparência de mudança. Xixi Piriá sintetiza o que é o sertão, aparentemente um lugar tranquilo, sossegado, mas que se transforma com a chegada das eleições, deixando claro, com isso, que a passividade da população daquele lugar é só aparente, uma vez que a política passa a revelar as falcatruas e os conflitos da região.

2 A DIVERSIDADE CULTURAL DO HOMEM NO CENÁRIO BRASILEIRO

Para melhor compreender a espécie humana, tornaram-se indispensáveis estudos que abordassem sua atuação, o meio onde ela se desenvolve, sua relação cultural e seus costumes. Para uma reflexão mais abrangente sobre o homem e sua cultura, é imprescindível levar em consideração peculiaridades de sua espécie. Para tanto, se faz concernente a colaboração do antropólogo Roque de Barros Laraia (2000) em sua obra **Cultura: um conceito antropológico**:

A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com as suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. Mas o que é cultura? (LARAIA, 2000, p. 24).

As considerações do estudioso remetem ao que está no livro bíblico do Gênesis (1993,1,26)¹ na passagem em que é narrado o entusiasmo de Deus com a criação do homem: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”. Ele é compreendido, pode-se perceber, como superior aos demais animais, transformando-se, por isso, em administrador de todo o paraíso.

Laraia (2000) também classifica o homem como criação da divindade, uma espécie de anjo, porém tendo a cultura como um diferencial,

O “anjo” caído foi diferenciado dos demais animais por ter a seu dispor duas notáveis propriedades: a possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Mas estas duas propriedades permitem uma afirmação mais ampla: o homem é o único possuidor de cultura (LARAIA, 2000, p. 29).

Fato é que, anjo caído ou imagem e semelhança de Deus, a trajetória de vida da espécie humana tem sido marcada por vários desafios, que tornam essencial a interação com o outro para seu próprio desenvolvimento. Esse encontro com o

¹ Quando tal estudo analisar a Bíblia, as informações entre parênteses localizam a citação dentro do livro ao qual remetem. No caso, o primeiro número significa o capítulo (1º) e o segundo, o versículo (26).

semelhante e, ao mesmo tempo, diferente, no entanto, nem sempre ocorre de forma pacífica.

Como exemplo, é possível citar as relações entre portugueses e povos nativos quando do descobrimento do Brasil, momento de formação de uma nova sociedade no que começava a ser chamado de território brasileiro. Importantes contribuições para a nova nação vieram dos imigrantes que chegaram com a expansão marítima, com os europeus colonizadores e com os africanos escravos. Euler David Siqueira (2007) define que a expansão ultramarina foi fator fundamental para o contato entre povos e a expansão das culturas. Segundo o estudioso, “[...] O contato que a cultura europeia estabelecia com a cultura dos outros, dos Índios, fazia necessário que se pensasse sobre como cada um vivia no mundo [...]” (SIQUEIRA, 2007, p. 9).

Cada povo, com seus aspectos próprios e suas singularidades culturais, contribuiu significativamente para a formação da cultura regional e brasileira. Com isso, teve início a formação diversificada da cultura em todas as regiões do Brasil.

O novo território promissor e em plena expansão possibilitou a vinda de imigrantes das mais variadas partes do mundo. Todos eles, ao se unirem com os primeiros habitantes do país, possibilitaram o surgimento de uma nova etnia. Cada povo, com seus aspectos próprios e suas singularidades culturais, contribuiu significativamente para a formação da cultura regional e brasileira.

Sendo o homem um ser de caráter explorador, seus limites tendem a se ampliar naturalmente pelas necessidades constantes que a vida lhe impõe. Notadamente, a procura pelo novo e pelo diferente são elementos naturais da conduta humana, que, de forma mecânica, conduzem o indivíduo ao desenvolvimento e à socialização. Com isso, esse sujeito rompe com os obstáculos, supera as adversidades e conquista o extraordinário de forma a surpreender-se consigo mesmo.

A antropologia tem contribuído para a compreensão de quem é esse homem que vive em sociedade. Além de mostrar que no mundo não existe apenas uma concepção de cultura que direcione todas as ações dos homens, destaca a importância do processo de troca para a compreensão de seu próprio povo. Siqueira (2007) afirma, ainda, que: “[...] a Antropologia nos ensina que todo e qualquer esquema cultural e ou classificatório é mais um dentro dos inúmeros outros que também coabitam o mundo juntamente conosco” (SIQUEIRA, 2007, p. 10).

As consistentes contribuições antropológicas quanto ao estudo do outro em relação ao semelhante e ao diferente têm sido continuamente discutidas no mundo acadêmico, de forma a fazer reconhecer que nenhuma sociedade é superior. Curiosamente, desde os séculos passados, o homem busca em suas viagens exploratórias desvendar outros mundos e seus limites. Gilberto Cotrim (2010) destaca que: “[...] no século XVI, começou a invasão vinda do exterior: uma grande intromissão, com as ‘grandes descobertas’ da África ao sul do Saara e da América Latina [...]” (COTRIM, 2010, p. 42, grifo do autora). Percebe-se, então, que o homem está em constante busca por novos conhecimentos, ultrapassando continuamente seus limites.

No sentido amplo da comparação entre indivíduos, pode-se ouvir, muitas vezes, que uma pessoa não é culta ou não possui cultura por não ser letrada ou por não seguir os cânones de classes consideradas **superiores**. Sabe-se, no entanto, que o termo cultura abrange uma gama de sentidos e significados, não se restringindo a apenas uma concepção, conforme destaca o antropólogo e professor, José Luiz dos Santos, em seu livro **O que é cultura** (2012):

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, cultura não é “algo natural”, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário a cultura é um produto coletivo da vida humana [...] (SANTOS, 2012, p. 44-45, grifo do autor).

A diversidade cultural existente é necessária para que haja influência recíproca entre as práticas e tradições culturais, uma vez que cada ser é único e diferenciado em suas ações e na forma de pensar e agir. O contato e a relação entre os povos sempre existiram e, por isso, o homem se vê motivado a pensar, agir e envolver-se cada vez mais com as comunidades e com o mundo.

A pesquisadora Maria Aparecida Nogueira Schmitt (2013) destaca que, como fruto dos avanços, muitas vezes alcançados por meio de lutas e conquistas sangrentas do homem contra o homem pela exploração de novos lugares: “Povos foram sangrados, contaminados, a fim de serem convertidos em força animal para o

trabalho escravo. Esses povos desfeitos só conseguem agarrar-se à língua e à tradição dos seus ancestrais” (SCHMITT, 2013, p. 268).

Os processos de conquistas sociais e culturais do homem fazem parte dos primórdios da sociedade humana, que passa a se organizar para alcançar melhor qualidade de vida e proteção, superar as adversidades e, assim, preservar sua vida durante o contato com outros povos. Sendo assim, todo cuidado se faz necessário, uma vez que cada realidade cultural tem uma lógica interna. Santos (2012) evidencia a necessidade de relacionamentos entre as dimensões culturais com diferentes grupos e classes sociais:

A partir de uma origem biológica comum, os grupos humanos se expandiram progressivamente, ocupando praticamente a totalidade dos continentes do planeta. Nesse processo, o contato entre grupos humanos foi frequente, mas a intensidade desses contatos foi de forma a permitir muito isolamento, e muitas histórias paralelas marcaram o desenvolvimento dos grupos humanos (SANTOS, 2012, p. 268).

Considera-se, portanto, o conceito de cultura como um complexo diversificado de normas e costumes sociais de cada povo e de cada ser em seu grupo. Contudo, nem sempre ocorre de maneira semelhante a determinação dos grupos sociais, assim como os debates sobre a questão da cultura, nem sempre ocorrem de maneira semelhante. A partir de estilos diferentes, porém, em diálogo, a sociedade constitui-se e organiza-se por princípios que caracterizam a exposição de sua realidade com as relações diárias de seus integrantes. Nesse sentido, Siqueira (2007) tece relevantes considerações:

Em uma organização, empresa ou indústria, por exemplo, temos vários agentes, sujeitos ou atores sociais que dominam, compartilham e códigos simbólicos distintos. Muitas vezes, não há diálogo e negociam comunicação em função dos códigos ou lógicas simbólicas serem diferentes e desconhecidos por parte de sujeitos que estão em grupos distintos. Na verdade, a diferença entre os códigos é função da relação. Sem relação, não haveria diferença (SIQUEIRA, 2007, p. 59).

Há muitos anos o homem registra seus feitos históricos e suas lembranças de forma impressionante e, ao fazê-lo, tem percebido o mundo a seu redor e suas possibilidades, a paisagem, os animais e os outros homens. Desse modo, tem se manifestado como artista em um universo no qual retira tudo aquilo que é útil para seus iguais. Esses feitos seguem sendo relatados, pois têm um significado muito

importante e podem transmitir ideias, sentimentos e cultura para seu povo. Dessa forma, o trabalho do homem, em sentido social, valoriza-se, ganhando importância à medida que o grupo aceita e convive com a realidade a ele proposta.

Ser único com necessidades de registrar sua presença, o homem tem prerrogativas de ser e viver, de criar e agir; tem anseios, sonhos e ansiedades e está sempre em busca do apropriado e do admirável. Com talentos raros e competências que lhe são peculiares, é capaz de transformar, compor e criar seus próprios tesouros e encantamentos, com significados e importância incalculáveis para si e para sua comunidade. Partindo desse princípio, registra sua arte e história e enriquece ainda mais a cultura de seu povo. Antonio Belline (2003), no texto **A arte de educar**, reflete sobre o sentido da arte humana:

Talvez a saudade tenha levado o homem a pintar paisagens. Temas e interesses, formas e conteúdos vão se modificando ao longo do tempo, assim como o próprio homem. A arte nasceu com o homem e deu a ele a consciência de uma capacidade criadora, da possibilidade de interpretar, de imaginar. Graças à arte, o homem elevou-se, compreendeu-se. Criar arte não foi privilégio de um povo, de uma época, de um meridiano de uma cultura (BELLINE, 2003, p. 10).

Inquietações e necessidades do homem são inerentes porque fazem parte de sua natureza. Desde a pré-história, ele vem se manifestando de forma estética e se relacionado com o outro porque precisa cumprir rituais de conquistas e de demonstração de força, coragem e poder, seja por uma caçada bem-sucedida, pesca de grandes peixes ou para a preservação de sua espécie.

Outros aspectos característicos de uma sociedade que envolvem o homem e merecem destaque estão relacionados ao desenvolvimento e à vida social de seu povo no dia a dia, no meio rural ou na cidade, como encontros, brincadeiras, festas, relações, amizades, nascimentos, histórias, trabalhos, manifestações religiosas e demais eventos que habitualmente ocorrem em uma comunidade.

Santos (2012) define que a relação entre cultura e sociedade ajusta-se e desenvolve-se naturalmente, tendendo a formar e a produzir grupos sociais específicos: “O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los [...]” (SANTOS, 2012, p. 7).

O homem utiliza diversos elementos culturais que servem como auxílio em suas buscas constantes por descobertas, novas conquistas e melhores condições de

trabalho e lazer. O autor ainda esclarece que a cultura mostra-se, desse modo, a partir de uma perspectiva de avanços sociais do homem em direção à sua valorização em.

Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do processo social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 2012, p. 45).

Sendo assim, pode-se dizer que a cultura é compreendida como um tipo ou forma de expressão e comunicação do homem, que revela determinados fatos ou ocorrências sobre si mesmo ou sobre as relações com outros homens. Ela age no plano do imaginável e do possível, produzindo inquietações para determinados grupos sociais. Como esclarece o estudioso Santos (2012): “[...] hoje em dia os centros de poder da sociedade se preocupam com a cultura, procuram defini-la, entendê-la, controlá-la, agir sobre seu desenvolvimento” (SANTOS, 2012, p. 82).

Diante disso, torna-se possível prever que, na dimensão da estrutura cultural, nada escapa de sua grandeza, uma vez que ela está presente em todas as esferas da sociedade, da política e da economia. Onde quer que o homem esteja, ali se desenvolve a cultura. Santos (2012) destaca, ainda, a importância da chamada cultura voltada para as massas no contexto da sociedade moderna.

Sua presença produz consequências objetivas nas visões de mundo das várias camadas da população, em seus planos de vida, em seus modos de agir. Mas para entendermos adequadamente a sua importância é preciso considerarmos os meios de comunicação de massa como elementos da vida social, elementos que não são absolutos, mas que se realizam em contextos sociais mais amplos (SANTOS, 2012, p. 70).

Pode-se entender, portanto, a cultura como sendo uma extensão dinâmica, viva e duradoura, o que se mostra essencial para o desenvolvimento social e técnico de uma sociedade. Há uma manifestação heterogênea entre as culturas e significativas influências dos povos que tiveram suas culturas modificadas. O homem, nesse contexto, passa a mesclar e refletir a partir de novos olhares e diferentes manifestações culturais como resultado do contato com os outros. Uma boa explicação a respeito dessa questão está no recorte extraído da obra **Utopias transculturais na heterogeneidade latino-americana**.

Para Raúl Bueno Cháves, há tipos e graus de transculturação dentre os quais destaca a transculturação chamada de materialidade tangível que consiste no traslado de objetos, tecnologias, usos e costumes. Normalmente as transferências materiais supõem o uso da força: o colonialismo, a exploração, a usurpação, etc. a transculturação filosófica estabelece o intercâmbio de valores, concepções, visões e categorias [...] (SCHMITT, 2013, p. 249).

Esses fatos se deram a partir da chegada dos portugueses em terras brasileiras, quando de seu descobrimento. Conseqüentemente, houve a miscigenação dos povos (índios, europeus e africanos), o que resultou em uma cultura mestiça, com costumes e crenças diversas. Cotrim (2010) define que a ocupação das terras brasileiras se deu a partir da expedição colonizadora comandada pelos portugueses. Segundo o pesquisador, “Martim Afonso de Souza, que partiu de Lisboa em dezembro de 1530, [veio] com a missão de: iniciar a ocupação da terra por portugueses e sua exploração econômica” (COTRIM, 2010, p. 14, grifo do autor). Constituiu-se, assim, o princípio da formação do povo brasileiro.

A plasticidade cultural que permeia as relações humanas e suas manifestações artísticas desencadeia um novo conceito que se aplica da esfera antropológica à da abordagem crítica da nova narrativa latino-americana.

As investigações antropológicas evidenciaram que, com o início do século XV, as fronteiras do mundo se expandiram em passos acelerados, pois os novos e diferentes espaços começaram a ficar mais próximos e, com isso, povos foram sendo descobertos.

Diante de tais transformações, os contatos cada vez mais acelerados propiciaram inevitáveis embates entre nações, resultando em conflitos de línguas, culturas e interesses, desencadeando imposições, seguidas de dominações do explorador e conquistador sobre o dominado. Cabe destacar que as explorações apresentavam diferentes tipos de interesses nas novas terras: o homem branco desejava conquistar para explorar tudo que fosse possível, enquanto a ciência antropológica tinha seu interesse voltado para os estudos e as pesquisas a respeito da vida e do comportamento do homem.

O antropólogo brasileiro, Siqueira, confirma que, a partir da expansão territorial, aconteceram constantes encontros entre povos diferentes, ocasionando choques de cultura e contínuas investigações por conceitos diferentes sobre seus interesses e pontos de vista.

O contato que a cultura europeia estabelecia com a cultura dos outros índios, fazia necessário que se pensasse sobre como cada um vivia no mundo. Assim, não faltaram pensadores que se puseram a pensar a diferença entre os homens. Se a Antropologia é a ciência humana e social que busca conhecer a diferença e alteridade, então estudá-la pode nos fazer compreender que, longe de haver somente uma formação cultural que dê sentido às ações dos homens, toda e qualquer cultura é coerente em si mesma quando vista de forma total e a partir de seus próprios pressupostos. Mais ainda, podemos aprender que nossa cultura e sociedade não são as únicas, nem as mais verdadeiras, originais e autênticas; não obstante, a Antropologia nos ensina que todo e qualquer esquema cultural e ou classificatório é mais um dentro dos inúmeros outros, que também coabitam o mundo juntamente conosco (SIQUEIRA, 2007, p. 9-10).

Com as invasões exploratórias dos europeus pelo mar, a América do Sul tornou-se foco dos anseios dos estrangeiros. O cenário de dominação, apropriação de terras, extermínio, submissão e exploração, que se seguiram à colonização, foram fatos inevitáveis impostos pelos bandeirantes europeus.

Nas terras brasileiras, aconteceram verdadeiras batalhas e transformações advindas do contato entre esses povos distintos. Pode-se perceber, com isso, o processo de **aculturação**, ou seja, a perda de uma cultura para aquisição de outra. O estabelecimento de fortes imposições aplicadas ao povo chamado primitivo levou à construção de novas identidades, propiciando a **transculturação** em cadeia. Como já assinalamos, os europeus que vieram desbravar nosso país foram os primeiros a passar pelo processo de transculturação.

Fernando Ortiz (1983) antropólogo cubano, citado por Roseli Barros Cunha (2007), afirma que, em Cuba, um extenso número de pessoas vindas da Europa já estava passando por mudanças culturais. (Cf. Cunha 2007): “[...] como o intelectual cubano apresenta em sua teoria, também uma corrente de imigrantes europeus vindos à América teriam sofrido perdas em sua cultura original [...]”.

A escrita da história geral revela que os europeus sempre organizaram grandes expedições marítimas e saíam mar afora em um ritmo avassalador, buscando novos caminhos para as Índias ou novas terras a serem exploradas. Decorrente dessas iniciativas, chegaram às Américas, descobriram o Brasil e dominaram todo o território sul-americano, que foi explorado, durante muitos anos, portugueses, espanhóis e franceses. Com isso, constituiu-se, a colônia brasileira, extremamente explorada e controlada pelos portugueses, que dividiram a região em capitânicas, sendo elas administradas pelos nobres, ou **donatários**. É possível considerar, de acordo com Cotrim, que:

[...] ao ser informado sobre a existência de pau-brasil nestas terras, o rei de Portugal não demorou a declarar sua exploração monopólio da Coroa Portuguesa. Isso significava que ninguém poderia retirá-lo das matas brasileiras sem prévia permissão do governo português e pagamento do tributo correspondente. Essa declaração, no entanto, não foi respeitada por ingleses, espanhóis e, principalmente, franceses; todos eles continuaram extraindo clandestinamente a madeira do litoral brasileiro (COTRIM, 2010, p. 11).

Cotrin (2010) acrescenta em sua obra que as constantes buscas europeias por novas terras ocasionaram encontros conflituosos e disputas sangrentas entre indivíduos das mais variadas espécies, que lutavam pela posse e exploração do novo território.

Vimos que, de acordo com o tratado de Tordesilhas, Portugal e Espanha eram os únicos donos das terras da América. Mas vimos também que franceses, holandeses e ingleses não respeitavam esse tratado e disputavam a posse de territórios americanos com portugueses e espanhóis. Essa disputa intensificou-se principalmente a partir da notícia de que espanhóis haviam descoberto ouro e prata em áreas que hoje correspondem ao México e Peru (COTRIM, 2010, p. 14).

Em um cenário de desordem no âmbito mundial e terras consideradas de ninguém a serem exploradas, quem chegasse primeiro e dominasse o povo do local poderia proclamar-se dono daquela região. Nas observações de Cunha (2007), o estudioso cubano Ortiz (1983) classificou o método de relação presente no jogo da dominação entre povos como sendo uma transculturação. Tal fenômeno ocorreria em duas etapas: a primeira é a desculturação, na qual há uma parcial perda de elementos culturais do povo dominado, para, conseqüentemente, passar-se à criação de novos fenômenos culturais, ou seja, a neoculturação.

Segundo Cunha (2007), nesse processo de transição não se pode falar apenas em aquisição de uma cultura diferente. Há que se considerar esses dois momentos. Cunha esclarece que nos processos de transculturação, acontecimentos e mudanças tendem a se desenvolver naturalmente:

Fernando Ortiz prossegue enumerando tais “inúmeras transculturações”. A primeira seria a do próprio indígena, ao passar de um estágio equivalente ao do Paleolítico para um novo, Neolítico. Posteriormente, tratar-se-ia do impacto sofrido por esse indígena em relação à cultura espanhola. Em seguida, fala numa transculturação dos brancos desgarrados de suas sociedades ibéricas e *transplantados* ao Novo Mundo. O mesmo, continua Ortiz, teria ocorrido com os negros vindos de diversas partes da África, ou ainda com os índios continentais, com os judeus, portugueses, ingleses,

franceses, norte-americanos e os de origem oriental vindos de Macau, Cantão e regiões da China. Enfim, o antropólogo cubano sustenta ser (1987, p. 93) “*cada inmigrante como um desarraigado de su tierra nativa en doble de desajuste y de reajuste, de desculturación o inculturación, y al fin de síntesis, de transculturación*” (CUNHA, 2007, p. 115, grifo do autor).

Ortiz (1983) revela, ainda, que a transculturação, sendo um processo de transformação do homem, permite uma ampla parcialidade cultural por meio de rompimentos múltiplos, seguidos de mudanças em suas culturas, em suas falas, em seus hábitos, em sua religião e, em alguns casos, até na conformação da pátria. O intelectual cubano acrescenta que tais mutações agressivas não ocorreram somente em Cuba, objeto de sua análise, mas se amplia por toda a América Latina. (Cf. Cunha 2007).

Desse modo, pode-se perceber que o fenômeno da transculturação nessas regiões teve seu início com a saída de homens de seus espaços de origem, seus lares, seus familiares e amigos, para enfrentar o desafio de desbravarem os mares à procura de novas terras e caminhos mais rápidos para as Índias. Porém, para essas aventuras, era necessário deixar para trás seus laços amistosos e patrióticos, Cunha (2007) esclarece que:

Ortiz admite que em todos os povos a evolução histórica significaria um trânsito vital de culturas num ritmo mais ou menos acelerado, mas defende que em Cuba teriam sido tantos e tão diversos tais trânsitos de culturas que (1987, p. 93) “*esse inmenso amestizamiento de razas y culturas sobrepuja em transcendencia a todo outro fenómeno histórico*”. Enfatiza, portanto, que na cultura cubana cada um dos que formariam a nação viriam a ser (1987, p. 94) “*sintética e histórica denominación de una economia y de una cultura y las varias que en Cuba se han manifestado sucesiva y hasta coetaneamente, produciendo a veces los más terribles impactos*”. Mas parece que a particularidade do ocorrido em Cuba seria não o trânsito de várias culturas, fato observado em outras partes do mundo, mas a velocidade e simultaneidade com que teriam ocorrido (CUNHA, 2007, p. 115, grifo do autor).

Cabe aqui destacar que o escritor Mário Palmério, construiu o romance **Vila dos Confins**, analisado neste estudo, a partir de um relatório da região rural do sertão mineiro, desenvolvido a pedido de um partido político ao qual era filiado. Para isso, ele se embrenhou pelo sertão com a finalidade de revelar como se manifestava a verdadeira política nas cidades do interior.

Utilizando-se dos elementos pertencentes à cultura local e regional, expôs as mazelas da política rural em torno de um poderoso fazendeiro, o coronel da região. Segundo o autor, em Palmério (1983), “[...] eleição de verdade era acontecimento

novo no sossego daquele sertão. A chegada do destacamento, a tocaia no mato do corrente, o desacato do Capitão Otávio, as buscas, as aprovações da polícia” (PALMÉRIO, 1983, p. 225-226). Tais componentes textuais colaboram para a tessitura narrativa de **Vila dos Confins**, revelando e valorizando o regional, assim como seus costumes e acontecimentos.

3 OS PROCESSOS TRANSCULTURADORES QUE ATUAM NO SISTEMA LITERÁRIO DA AMÉRICA LATINA, DE FERNANDO ORTIZ E ÁNGEL RAMA

As explicações de Ortiz na obra **Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco** (1983) trazem importantes elementos sobre a vida do Cubano. “Fernando Ortiz (1881 – 1969). Cresceu entre Cuba e Espanha, onde graduou-se em bacharel e doutor em Direito” (Cf. Cunha 2007). Ele viveu o momento histórico do fim de século em dois lugares com crises paralelas: Cuba, em processo de independência e, posteriormente jovem república e a Espanha, em processo de declínio do poderio colonial.

Sua formação, tanto na Europa quanto em Cuba, favoreceu uma mente inquisidora que, embora tenha começado pelo estudo das leis, foi levada aos mais diversos campos do saber nos quais se destacou, deixando profundas marcas. Depois da carreira jurídica, dedicou-se à sociologia, a seguir à arqueologia, à história, à filologia, à antropologia, à musicologia, à linguística, ao folclore e à etnologia.

Segundo Ortiz (1983), para que haja influência mútua no procedimento de trajetória cultural, não se pode pensar apenas na obtenção de uma cultura distinta, sendo necessário apreciar dois momentos distintos desse processo: as transformações do procedimento cultural local ou de uma pessoa, que passa pelo processo de perda ou desaculturação, para a posterior aquisição de novos traços culturais, ou seja, a neoculturação. Dessa maneira, o processo de transculturação torna-se um artifício transformador, sobrevivendo da plasticidade cultural. (Cf. Cunha 2007).

A constante manifestação de mudanças no comportamento cultural do homem caracteriza-o como uma espécie de animal diferente das demais. Como já visto neste estudo, a partir de reconhecimentos formulados por Laraia (2000) a cultura pode ser definida a partir da importância de aprendizados e submissão, de modo que possa conduzir essa ideia a uma conduta a ser seguida por todos pertencentes a um grupo:

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhe são impostas pelo seu aparelho biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade na espécie humana foi a de romper com suas limitações [...] (LARAIA, 2000, p. 24).

Diante de tais constatações, percebe-se que o homem tem por natureza características sociais e culturais, além de notáveis domínios como o da possibilidade do diálogo oral, da habilidade para produzir instrumentos como casas, roupas e da capacidade de tornar cada vez melhor sua grandeza biológica.

Ainda na compreensão do autor, podem-se destacar os constantes processos evolutivos e agregadores ao desenvolvimento humano, ampliando a sobrevivência e supremacia do homem, como esclarece Laraia (2000):

[...] O homem criou o seu próprio processo evolutivo. No decorrer de sua história, sem se submeter a modificações biológicas radicais, ele tem sobrevivido a numerosas espécies, adaptando-se às mais diferentes condições mesológicas. Kroeber procurou mostrar que, superando o orgânico, o homem de certa forma libertou-se da natureza. Tal fato possibilitou a expansão da espécie por todos os recantos da terra. Nenhum outro animal tem toda a terra como seu habitat, apenas o homem conseguiu esta proeza (LARAIA, 2000, p. 42).

Ao discorrer sobre mudanças culturais ou aculturação e aos procedimentos da conduta humana, reportamo-nos às ponderações e aos conceitos do antropólogo Ortiz (1983), que percebeu tais elementos e exemplos empregados nas mudanças culturais, como se constata nas elucidações de Cunha:

Ortiz seria um produto de várias mudanças culturais vivenciadas – por exemplo, por sua inicial adesão ao positivismo, por seu estudo de outras teorias estrangeiras para tentar entender a própria cultura, dentre elas o funcionalismo, até alcançar a percepção da necessidade de um enfoque diferenciado, uma metodologia própria que pressupunha como ele realizou em *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, a criação de um conceito específico para Cuba e para a América Latina (CUNHA, 2007, p. 114).

A avaliação é um instrumento fundamental para a compreensão de uma instituição e de seu desenvolvimento, que envolve as qualidades de relações com sujeitos da mesma sociedade. Esse processo revela a aquisição de conhecimentos e desempenho de pessoas e grupos. A diversificação cultural do homem ocorre de forma concentrada, o que torna difícil sua participação nos vários meios de cultura em que ele está inserido. Dessa forma, o desejável é que esse indivíduo possa participar de alguma atividade em sua comunidade, para que se articule melhor com integrantes de outros grupos.

Cunha (2007) acrescenta que nos trabalhos propostos pelos intelectuais

Bronislaw Malinowski, antropólogo Polaco, e Fernando Ortiz, crítico literário cubano, percebe-se uma diferença: O primeiro concentra seus esforços em compreender melhor os índios **homens primitivos**, enquanto o outro descreve como a sociedade cubana conduziu em seu desenvolvimento a grande diversidade de culturas impostas com a chegada dos europeus.

Malinowski estudara os “primitivos” ou seja, os povos que viviam um primeiro momento de contato com a cultura ocidental. O autor cubano, sustentará Le Riverend (1987, p. XXIII), “estaba inmenso en una sociedad evolucionada contemplada desde su interior más íntimo, puesta que ella estaba en él mismo” – ou talvez se possa entender que se tratava de uma sociedade que já teria sofrido vários processos de choques e encontros de culturas (CUNHA, 2007, p. 113).

Apesar de os estudos de Ortiz (1983) terem como foco a sociedade cubana, consideramos relevante utilizá-los para esta investigação, uma vez que o processo de exploração e dominação da cultura estrangeira foi semelhante ao ocorrido no Brasil. As mudanças impostas ao povo cubano foram fortes e suas marcas profundas, de tal modo que até em gerações futuras verifica-se sua manifestação, como afirma Cunha (2007): “[...] o próprio estudioso Ortiz seria um produto de várias mudanças culturais vivenciadas – por exemplo. Por sua inicial adesão ao positivismo, por seu estudo de outras teorias estrangeiras para tentar entender a própria cultura” (CUNHA, 2007, p. 113).

Processos de observação e mudanças ocorridas no país induziram Ortiz a propagar seu estudo acerca das mesclas de culturas e do estabelecimento de uma terceira cultura, movidas, principalmente, pela rapidez e força com que os estrangeiros exploradores impuseram-se ao povo cubano e a todos os países da América Latina, sendo esses submetidos a mudanças radicais de hábitos, língua e costumes.

Preocupado com as sucessivas transformações que aconteciam em Cuba, provenientes da chegada dos exploradores europeus e dos escravos africanos, Ortiz fortalece sua ideia ao escrever sobre a transculturação, criando sua própria argumentação sobre as transformações que modificaram o país e também a América do Sul.

O escritor ainda se impõe pelos conhecimentos de ordens variadas, que lhe são peculiares. Com uma linguagem própria e firme, cria com desenvoltura uma história de crítica à política desenvolvida no interior. Retrata o mito dos colonizadores

e a desmitificação das identidades, raças e miscigenação, na origem genética de seu povo, rompendo com o preconceito das figuras do negro, do branco e do índio.

Percebe-se que os homens brancos europeus, os escravos vindos da África e os índios de cada região formavam uma mistura de povos que, além de lutarem pela sobrevivência, tiveram participação efetiva para a formação dos mais diversificados povos da América do Sul.

No processo das mudanças das diferenças culturais, Cunha (2007), esclarece que esse fenômeno é fruto do doloroso processo de trocas que aconteceram a partir da imposição dos europeus em toda a América Latina, deixando como legado o preconceito racial e a desigualdade cultural que perdura até os dias atuais. Esses seriam os princípios da transculturação.

Malinowski julgava, assim, que o termo aculturação faria referência apenas ao processo de perda de uma cultura, em especial daquela que estaria sendo dominada por uma outra pertencente à civilização ocidental. Mas o que tanto o antropólogo polonês quanto Ortiz desejavam enfatizar é a necessidade de se perceber a “dupla-mão” que o processo de transculturação realiza. Como o intelectual cubano apresenta em sua teoria, também uma corrente de imigrantes europeus vindos à América teriam sofrido perdas em sua cultura original (CUNHA, 2007, p. 127).

É a partir das diferenças entre os procedimentos de trocas e das desigualdades impostas na América do Sul que o intelectual e crítico Ángel Rama estabelece a necessidade e importância do conceito de transculturação narrativa, como recurso de análise das obras produzidas por escritores que elaboram uma literatura que transita entre a ficção e a realidade latino americana. Rama dá continuidade ao pensamento de Ortiz no que se refere ao intercâmbio cultural em constante trânsito e adota o termo transculturação como mais apropriado à sua proposta.

Aguiar e Vasconcelos (2001) certificam que o uruguaio Ángel Rama em: “[...] 1926 - Nasceu em Montevideu, dia 30 de abril, filho de pais espanhóis imigrantes” (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001, p. 27). O uruguaio Rama. “Casa-se, em Montevideu, com a poetisa Ida Vitale” (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001, p. 28). Rama tornou-se um intelectual que se mostrava preocupado com o rumo da educação de seu país. Foi um dos grandes críticos da América com a sua proposta da transculturação narrativa para a abordagem da literatura latino-americana em suas múltiplas especificidades. Rama viveu com intensidade até os 57 anos de

idade. Aguiar e Vasconcelos (2001) relatam sua trágica e precoce morte. “No dia 27 de novembro, morre, com Marta Traba, quando o avião em que viajavam cai em Mejorana del Campo, na Espanha” (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 31).

A partir de ideias desenvolvidas por Rama, entende-se em **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**, nos conceitos de Cunha (2007).

[...] que o termo “transculturação” expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o vocábulo ângulo-americano “aculturação”, mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial *desaculturação*, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação* (CUNHA, 2007, p. 127, grifos da autora).

Segundo Aguiar e Vasconcelos (2001, p. 218, grifo do autor): “[...] a ‘desaculturação’ não é avaliável sem sua paralela ‘reaculturação’ ou seja, a intensificação de propostas internas, identificadoras de uma cultura. Só a análise dessas duas variáveis permite medir o esforço de ‘neoculturação’ [...]”. Nesse sentido, há que se considerar três fatores: a destruição, a reafirmação e a absorção de culturas diferentes. Diante de uma obra literária do gênero narrativo, Rama considera que a transculturação pode se manifestar em três níveis, a saber: o linguístico, o da composição literária e o dos significados.

No nível linguístico, ou da língua, a estrutura narrativa surge a partir dos diálogos dos próprios personagens, com a reprodução de suas falas, de suas linguagens e de seus regionalismos. Flavio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos, na obra **Ángel Rama - Literatura e cultura na América Latina** (2001, p. 220) acrescentam que “é a partir de seu sistema linguístico que trabalha o escritor que não procura imitar de fora uma fala regional, mas sim elaborá-la de dentro com finalidades literárias”. No nível da composição literária, ou da estrutura narrativa, Aguiar e Vasconcelos (2001, p. 221): acrescenta que o texto é elaborado a partir “[...] do narrar espontâneo (...) do contar dispersivo ‘comadres’, suas vozes sussurrantes [...]”. Já no dos significados, as narrativas transculturais apoiam-se em crenças, mitos e superstições e abrem espaço para os pontos de vista dos personagens, a que se dá o nome de cosmovisão.

3.1 O CONCEITO DE TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA PROPOSTO POR ÁNGEL RAMA

O envolvimento e a preocupação de Ángel Rama com a educação e a cultura do Uruguai, em particular, e da América Latina, em geral, levaram-no a refletir a respeito de uma nova forma de abordagem que atendesse melhor às particularidades da literatura do novo continente. Segundo Cunha (2007): “Pode-se considerar que Rama deu continuidade e aprofundou, com sua geração, a ideia de América Latina integrada como um projeto coletivo a ser levado adiante pela intelectualidade” (CUNHA, 2007, p. 23). O intelectual uruguaio desejava implementar um sistema crítico literário, adequado às novas narrativas, sem tantas interferências ou dependências literárias da Europa, não desconsiderando, contudo, as contribuições externas.

Ele tinha uma constante preocupação com o desenvolvimento intelectual e literário da região, constituída por seus 20 estados soberanos. Em suas obras literárias, demonstrava relevante preocupação também com o território sul-americano em sua essência, suas realidades e suas desigualdades características, uma vez que sua população passou pelos mesmos processos de exploração e colonização, tendo sido transculturados também pelas imposições dos europeus, Cunha (2007) acrescenta que:

Ao longo de sua trajetória crítica, para tratar de entender a nova fase que ele, homem das letras, vivia na sociedade latino-americana, Ángel Rama repensou e criou vários conceitos, como os de *comarca cultural*, *generación crítica*, *transculturación narrativa*, que tiveram significativa projeção no campo dos estudos da cultura latino-americana. Pode-se considerar que Rama deu continuidade e aprofundou, com sua geração, a ideia de América Latina integrada como um projeto coletivo a ser levado adiante pela intelectualidade (CUNHA, 2007, p. 23).

A versatilidade de produção cultural de Rama é evidenciada por sua atenção e interesse, em sentido mais amplo, da vida cultural de sua cidade, estendendo sua análise para todo país e, posteriormente, para a América do Sul. Suas contribuições a respeito da produção cultural desenvolveram-se em artigos, teatro e outros meios de produção. Seu interesse e preocupação com assuntos de caráter cultural, literário e intelectual eram constantes e são objetos de estudos científicos em países da

América Latina, de forma semelhante ao que está sendo desenvolvido nesta pesquisa, Cunha (2007) acrescenta que:

[...] desde a década de quarenta, quando começou a escrever em revistas culturais, Ángel Rama não fora um acadêmico tratando de literatura, mas um intelectual interessado pelos acontecimentos culturais de sua cidade. O teatro, nesse momento, aparecia como mais uma maneira de estar inserido nesse movimento. O crítico uruguaio, inclusive, escreveu e teve encenadas algumas de suas peças, participou de concursos literários, tanto como candidato quanto como jurado. Talvez se possa dizer que o interesse manifestado pelo teatro também tenha colaborado na tendência de Ángel Rama de buscar a dinâmica do diálogo intelectual, que muitas vezes o levou a polêmicas (CUNHA, 2007, p. 21).

O intelectual participou ativamente da formação educacional e cultural de seu país, demonstrando, assim, patriotismo, vontade e desejo de ver seu espaço de enunciação mais forte, bonito e culto. Cunha (2007) acrescenta que: “[...] nessa época, também era professor do que hoje aqui chamamos de ensino médio, além de trabalhar na Biblioteca de Montevideu (1949-1965). Em 1950, fundou Fábula, sua primeira editora, juntamente com Carlos Maggi” (CUNHA, 2007, p. 21).

Rama nunca desistiu de seus ideais sociais, educativos e culturais, lutando pelo que acreditava e proclamando uma identidade literária e educacional diferente da europeia. Para ele, existe uma conexão intensa e forte entre a história e a arte na América do Sul. Aguiar e Vasconcelos (2001) esclarecem que: “[...] a forte criatividade de períodos de transição e transformação, não só para a redação de obras permanentes, mas, sobretudo, para a elaboração de novos estilos e formas após períodos de esgotamento cultural” (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 48).

Sua proposta ousada era uma inovação para o meio cultural e literário, com foco em aspectos políticos, atendendo aos interesses e anseios da coletividade. Essa proposta inicia-se com uma nova configuração para idealizar e planejar o novo, em uma visão ampla, que conseguisse aprofundar-se nos assuntos desejados de forma adequada aos interesses do povo e também da América do Sul. A essa concepção a pesquisadora Schmitt (2013), apresenta feitos de uma renovação literária, como no caso do escritor peruano, José Maria Arguedas.

Arguedas reconhecia sua condição de mestiço, e é justamente essa percepção que lhe deu o norte para desbravar os caminhos da renovação da narrativa indigenista com a determinação dos que “se sabem” e que querem por isso mesmo “saber do outro” para o processo mediador fortalecerem o papel que cabe a cada homem na comarca do mundo

(SCHMITT, 2013, p. 116).

A cultura, sendo uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade, somente poderá ser valorizada por outros elementos da mesma espécie, pelo fato de constituírem iguais semelhanças. No olhar de outros grupos sociais de diferentes meios, entretanto, não se pode esperar o mesmo reconhecimento e valorização. O antropólogo e professor. Santos (2012) afirma que: “[...] mais importante ainda é observar que o destino de cada agrupamento esteve marcado pelas maneiras de organizar e transformar a vida em sociedade e de superar os conflitos de interesse e as tensões geradas na vida social” (SANTOS, 2012, p. 11).

A América Latina constrói sua história com o auxílio das heranças culturais dos grupos que formaram a população dos vários continentes. O autor acrescenta em Santos (2012) que “[...] cada cultura é resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes [...]” (SANTOS, 2012, p. 12).

Produzem-se, assim, meios para sobrevivências e subsistências, aperfeiçoando relacionamentos e vivendo em sociedades. São construídos lares, onde o homem se torna parte integrante, produtora e receptora. Cada ser com sua singularidade torna-se, assim, essencial, visto que fornece elementos únicos para fortalecer a constituição de cada história. Narram-se feitos, historiam-se fatos vividos, construindo o legado da tradição para os que virão posteriormente. Cada geração, contudo, acrescenta um pouco à cultura, com um novo fato a ser registrado a cada nova descoberta.

Partindo do ponto de vista das diversidades da América Latina, torna-se inquestionável a constatação das muitas variedades nas formas de pensar e agir desse povo constituído pelas mais diversas expressões culturais. A esse respeito ressaltamos as considerações de Schmitt (2013) que declara:

A história da América Latina constitui, sem dúvida, um capítulo da história da ocidentalização do mundo. Com o “descobrimento” do Novo Mundo, começa uma história que envolve, como matriz principal e renovada ao longo do tempo, a Europa e também os Estados Unidos, desde o século XIX até a atualidade. São múltiplas as influências que os europeus e os norte-americanos exercem, às vezes convergente, outras vezes contraditoriamente, nas condições materiais e espirituais de vida de trabalho dos latino-americanos (SCHMITT, 2013, p. 37-38).

A Europa se impôs ao novo mundo de forma a existir dominação e dependência de seus modelos críticos literários. Esse tipo de imposição facilita a elaboração das produções, mas também ocasiona perdas de originalidades e bloqueios de um desenvolvimento próprio. No que concerne aos cânones europeus, valiosa reflexão decorre da leitura de Aguiar e Vasconcelos (2001):

Repatriar o conceito de América Latina significava definir-lhe os contornos com base na história real do continente, em vez de perseguir as eternas declarações de princípio que confeitavam os votos de unidade em congressos e simpósios. Ou seja, se cabia um desejo de unidade em defesa de uma práxis libertadora, impunha-se o reconhecimento de que a América Latina era palco de desunião, de traçado arbitrário de fronteiras, de classes dirigentes de espírito oligárquico (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 18).

A criação literária da América Latina, todavia, não era entendida como sua. Por não ter uma identidade própria, não estaria ligada exclusivamente ao seu povo e à sua história, arte e cultura. Era, simplesmente, uma opção romanesca nos moldes europeus, no entanto, torna-se, em pouco tempo, de acordo com o crítico, um instrumento literário dependente dos padrões mencionados. Como se pode evidenciar nos aportes de Cunha (2007) que:

Segundo o raciocínio de Rama, a cópia mecânica dos modelos europeus, conforme elaborada pelos primeiros historiadores das letras nacionais na América, estaria alcançando um resultado contrário ao esperado. Tal imitação acrítica, argumenta, destruiria o conceito de “nação hispano-americana”, que se vinha construindo apesar da multiplicidade de países que obrigatoriamente haviam sido transformados de “região” em “nações” (CUNHA, 2007, p. 310).

Quando se fala em produção literária, é preciso ater-se às questões relacionados à linguagem, ao espaço, ao povo e a outros fatores extremamente essenciais e complexos, que incorporam recursos característicos de cada região, para serem devidamente problematizados. A história literária da América Latina foi constituída por vários aspectos, dentre os quais se pode destacar, especialmente no Brasil, a literatura como veículo do desejo de liberdade, a fim de que cada nação se inovasse, tornando-a capaz de alcançar os anseios plenos e políticos e sua compreensão como nação. Sobre esse contexto, Schmitt (2013) afirma que:

O romantismo brasileiro teve íntima relação com o processo da luta pela libertação política de Portugal. A busca da independência criou nos

intelectuais o consenso de que a literatura deveria ser um instrumento para contribuir na formação da jovem nação brasileira. Os escritores da época sentiam-se no dever patriótico de exaltar a terra, de falar sobre ela e de conscientizar os leitores da realidade em que viviam (SCHMITT, 2013, p. 95).

A América Latina precisava integrar-se culturalmente a fim de que pudesse ser revelada sua identidade cultural e literária. Rama entendia, contudo, que para esse plano de integração ter sucesso, era necessário o envolvimento de toda a América Latina.

Percebe-se, assim, que o propósito do estudioso em expandir seu conceito crítico-literário fez com que ele tecesse importantes considerações nesse sentido. Para tanto, o termo **transculturação narrativa** pode ter sido o elemento de ligação inicial de que Rama precisava para discutir a respeito do projeto de unificação cultural da América Latina, uma vez respeitadas suas diferenças plurais.

Para continuar suas investigações acerca da integração cultural no continente, teve sua vida profissional marcada por muitas experiências de trabalho, destacando-se no meio cultural como intelectual ativo na pesquisa da vida literária de outros países, como descreve Aguiar e Vasconcelos (2001):

Os resultados concretos da sua colaboração intelectual com Antonio Candido e de seu interesse pelo Brasil, de onde carregava dezenas de livros em cada visita, estão nos volumes da Biblioteca Ayacucho, em conceitos comuns aos dois críticos (como o conceito de sistema, que Rama foi buscar em Candido e levou adiante) e, em parte, nos ensaios que constam desta antologia (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 35).

Diante das relevantes contribuições, percebeu que sua proposta em valorizar as culturas das comarcas latino-americanas começava a ser compreendida e recebia importantes contribuições de outros intelectuais da América Latina.

3.2 ÁNGEL RAMA E AS ESPECIFICIDADES DA LITERATURA LATINO-AMERICANA.

Para Rama, os anos de 1970 seriam marcados pelas inúmeras participações e nos mais diversos eventos culturais e literários da América Latina. Entre eles, é possível destacar, em 1971, o XV Congresso Ibero-americano de Literatura, em Lima, no Peru. No ano de 1972, começou a escrever artigos para **El Expreso**, de Lima, também veiculados nas revistas **Marcha**, de Montevideu, e **Claridad**, de Porto

Rico. Nesse mesmo ano, viajou para o México, a fim de organizar um ciclo de estudos sobre a narrativa latino-americana.

Depois que se estabeleceu em Caracas, começou a ministrar cursos e trabalhar, até 1978, como professor da Faculdade de Letras da Universidade Central da Venezuela. Em 1974, viajou para São Paulo, onde realizou dois seminários para alunos do curso de pós-graduação ministrado por Antonio Candido, na Universidade de São Paulo.

A ação propagadora do ideal de interpenetração cultural de Rama se estendeu para outros países como Uruguai, Venezuela e México. Em 1975, foi a Paris, onde apresentou seus estudos sobre os processos de transculturação narrativa em um seminário dirigido pelo professor Jacques Leenhardt; em 1976, recebeu o prêmio de melhor ensaio da IV Bienal Literária José Antonio Ramos Sucre; em 1977, obteve a nacionalidade venezuelana; e em 1979, foi para os Estados Unidos como professor visitante do Departamento de espanhol da Universidade de Maryland e do Middlebur Y College.

Essas visitas e participações foram fundamentais para a implementação de seu plano de interação cultural voltado para a cultura literária da América Latina. Expôs, assim, a intensidade do desafio a ser transposto, em benefício da inovação voltada para o ensino e cultura, que Aguiar e Vasconcelos (2001), esclarecem:

A primeira parte do desafio aceito foi a de repatriar o conceito de América Latina. Privilegiando o campo da cultura, não o do mercado, Rama começou a trabalhar o conceito unindo as normas do rigor acadêmico às da ética militante que sempre caracterizaram sua atividade de crítico, professor e jornalista. Repatriar o conceito América Latina significava definir-lhe os contornos com base na história real do continente, em vez de perseguir as eternas declarações de princípio que confeitavam os votos de unidade em congressos e simpósios. Ou seja, se cabia um desejo de unidade em defesa de uma práxis libertadora, impunha-se o reconhecimento de que a América Latina era palco de desunião, de traçado arbitrário de fronteiras, de classes dirigentes de espírito oligárquico (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 18).

A dedicação e o comprometimento do estudioso em prol da educação e literatura da América Latina não foram inúteis. As sementes da educação e do saber. Foram plantadas em terras férteis. Houve considerável receptividade por parte dos intelectuais dos países latinos, que bem compreenderam e assimilaram o novo conceito literário proposto pelo intelectual uruguaio, que, de forma inteligente e valorizando mais cada região, mostrava a necessidade de mudanças no contexto

literário deste continente. Seria importante, contudo, que esses processos fossem contínuos, recebendo sempre novos envolvimento e considerações das gerações futuras.

Aguiar e Vasconcelos (2001) asseveram que Rama demonstrava sua vocação, seu apego, seu amor e sua dedicação ao ensino e à literatura nas obras que analisava, considerando algumas como vivas, com amplitudes regionais, voz apropriada e discursos envolventes para os mais variados meios sociais.

Descrever a relação entre esse brilhante intelectual e o conceito que ele perseguiu e que o perseguiu é como contar a história de um caso de amor passado em outro tempo – *in illo tempore*. Era um tempo de heróis fundadores e paixões cegantes, de Eldorados revolucionários e dos temidos infernos das ditaduras, dos purgatórios do exílio, das esperanças levantadas no pós-guerra e dos receios mais que fundados de que elas se enrijecessem em burocratismos vãos, como de fato aconteceu na maior parte das terras onde essas esperanças pareciam tão firmemente implantadas (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 15).

O intelectual tinha inclinação para a cultura regionalista, respirava educação e convivia com o desejo de ver a América Latina autônoma intelectualmente. Para Rama, havia necessidade de os escritores se envolverem e se dedicarem mais, revisando suas obras literárias, voltando-se para os acontecimentos regionais, colocando-as em sintonia com os valores autênticos, fazendo menções às legítimas histórias que cada povo vivenciou.

Por meio das obras literárias produzidas por competentes escritores, seria possível apreciar melhor a narrativa de cada região com suas peculiaridades e seu fazer literário, sem que fosse necessário, para isso, recorrer às reproduções e aos modelos de literaturas europeias. Sabia, entretanto, que tal transformação não aconteceria de forma rápida, voluntária e tranquila; ao contrário, seria necessária uma verdadeira luta simbólica para que tal mudança acontecesse. Isso envolvia valores e costumes que deveriam ser revistos de forma determinante, possibilitando o envolvimento ativo e a adesão dos intelectuais de cada país do novo continente a tal processo desafiador.

Além dos empenhos de Rama e seu desejo por uma educação e literatura independentes para a América Latina, ele precisava do apoio incondicional de intelectuais, educadores e escritores latino-americanos que concordassem com suas ideias. Para isso, fundamental seria o registro de obras de escritores com conhecimentos específicos do que havia ocorrido em cada região da América do Sul,

como afirma, Aguiar e Vasconcelos (2001) que: “[...] o romance hispano-americano nasce e progride graças à ação de um público real, que procede desses setores intersticiais da sociedade, que são chamados de classes médias” (AGUIAR e VASCONSELOS, 2001, p. 61).

Após investidas junto a intelectuais da América Latina, o uruguaio já podia contar com a colaboração de notáveis críticos, como Darcy Ribeiro e Oswald de Andrade, que lhe chamaram a atenção por suas peculiaridades literárias, além de Antonio Candido. Juntos, estabeleceram um projeto de publicação de uma História da Literatura Latino-Americana, publicada. Como ilustra Aguiar e Vasconcelos (2001): “Para organizá-lo, foram planejadas várias reuniões em Paris, Bogotá, São Paulo e Campinas. Encarregados de fazer o ajuste final, Rama e Candido trabalharam intensamente durante dias para desenvolver a parte brasileira do projeto” (AGUIAR e VASCONSELOS, 2001, p. 35).

Ambos apresentavam inquietações quanto à situação da região; por isso, buscavam uma literatura que pudesse revelar as realidades da América Latina, de forma a valorizar suas culturas e educação de maneira harmônica. Como nas ilustrações de Cunha (2007): “O crítico declara, inclusive, juntamente com outros intelectuais de sua época, a necessidade de se pensar na “América Latina” como um todo, isto é, na integração entre os países da língua espanhola e o Brasil” (CUNHA, 2007, p. 34, grifo do autor).

Os caminhos percorridos pelo intelectual crítico do Uruguai, foram desenvolvidos e marcados por suas experiências de vida e trabalhos voltados para educação. Como ilustra Cunha (2007): “Desde a década de quarenta, quando começou a escrever em revistas culturais, Rama não fora um acadêmico tratando de literatura, mas um intelectual interessado pelos acontecimentos culturais de sua cidade” (CUNHA, 2007, p. 21).

Ele afirmava que os estudiosos precisavam compreender o papel das integrações culturais e do elemento de união de cada povo, constituído principalmente pela linguagem e cultura, uma vez que: “[...] estes conceitos já haviam sido abordados por outros pensadores, entre eles Pedro Henríquez Ureña (1884-1946) e Mariano Picon Salas (1901-1965)” (AGUIAR e VASCONCELOS, 2007, p. 23, grifo do autor). Seja considerado que cada idioma transportava consigo um conjunto de ciências, tradições e culturas específicas. Desse modo, as unidades constituíram-se de maneira harmoniosa a partir do momento em que as

características regionais se expressassem mais e estabelecessem seus valores, suas vozes e seus sentimentos.

O principal objetivo de Rama, contudo, consistia em estabelecer valores próprios e regionais de forma agregadora e envolvente, que pudesse expandir suas ligações com outros países do continente sul-americano, como ocorreu com o Brasil, que contribuiu de forma significativa para a estruturação e o desenvolvimento dos projetos propostos pelo uruguaio. Aguiar e Vasconcelos (2001, p. 33): acrescentam que: “[...] seu interesse pelo Brasil, entretanto, só se intensificou depois de conhecer Antonio Candido, que, no início dos anos 1960, dava um curso de literatura brasileira em Montevideú”. Desse modo, iniciou-se uma sólida e frutífera amizade entre os dois críticos.

Rama contribuiu expressivamente e valorizou o desenvolvimento educacional de seu país como também para a América do Sul. Nesse sentido, ele tinha a ideia de uma cultura literária regionalista e com voz própria que pudesse noticiar os fatos históricos que ocorreram em cada região, a partir da chegada dos europeus.

O intelectual uruguaio tinha conhecimento da complexidade de seu projeto e da importância de adequá-lo às realidades culturais e literárias de cada país do continente. Suas disposições para um desenvolvimento educativo de modo a expressar os problemas enfrentados pela sociedade de forma corajosa e harmônica, entre o mundo do pluralismo cultural e o da heterogeneidade, voltavam-se fundamentalmente para a estruturação educativa de determinada sociedade. Abordava os limites éticos das ações coletivas e daqueles que utilizavam a arte literária como veículo de integração das diversidades, esclarecidos por Cunha (2007).

[...] a proposta de uma “síntese harmônica”, em termos de cultura, seria uma maneira de expressar os problemas enfrentados pela sociedade. Essa idéia também estará presente nos textos de Ángel Rama, quando este propõe seu conceito de *transculturación narrativa* como um modo de, por meio da literatura, conseguir integrar o continente latino-americano (CUNHA, 2007, p. 33, grifo da autora).

Cunha (2007) também apresenta conceitos de sistema educativos e literários que se atrelam aos limites de uma nação, associados à visão sistêmica das ciências culturais da atualidade das regiões da América Latina, que estava surgindo e cativando a muitos com sua forma de fazer literário, e uma nova geração frutífera de

intelectuais e habilidosos e dedicados escritores regionais e envolvidos no contexto da nacionalidade, como se pode observar nas palavras de Cunha.

Esse intercâmbio com intelectuais europeus e americanos colaboraria com o desenvolvimento do que considerava a geração mais frutífera de intelectuais no Brasil. Como integrantes dessa nova geração, cita nomes das ciências sociais como Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Victor Nunes Leal; e, nas ciências literárias, Antonio Candido, Heron Alencar, Heliu Martins. Estes teriam como mestre, ressalta Ribeiro, Gilberto Freyre. O antropólogo brasileiro conclui: *“es la mejor generación de intelectuales que há dado el país, la más lúcida, com más rigurosa consciência crítica y aquella más comprometida em la lucha transformadora de la nacionada”* (CUNHA, 2007, p. 58-59, grifos da autora).

É evidente o interesse de Rama pelas obras literárias de intelectuais do Novo Continente, voltando a atenção para o brasileiro Antonio Candido com quem o uruguaio nutria regular amizade. Quando, no entanto, se debruça sobre o trabalho de Cunha (2007) verificam-se novos olhares de Rama, sobre as observações defendidas pelo escritor nicaraguense Ruben Darío, conforme o texto a seguir.

Em *Ruben Darío y el modernismo (1985c)*, o crítico uruguaio Rama defenderá que, a partir do autor nicaraguense, a idéia de “escolas” literárias segundo periodização europeia teria perdido o sentido; a imitação haveria dado lugar à originalidade (1985c, p. 15) (CUNHA, 2007, p. 41, grifo da autora).

Antonio Candido (2003), com quem o intelectual discutiu as tendências literárias da região, esclareceu que seus trabalhos literários davam especial atenção e importância aos valores regionais e aos fatos históricos. O estudioso afirmou em **A educação pela noite e outros ensaios** que: “[...] é possível ir adiante e averiguar de que maneira esse traço de ordem geral é produzido pelas técnicas particulares da escrita, que permitem falar numa verdadeira estilística da universalização [...]” (CANDIDO, 2003, p. 63). Ele reconhecia as restrições das obras literárias brasileiras, em particular, e da América Latina, em geral, e sabia que elas poderiam se manifestar sem a intensa influência e dependência das culturas literárias portuguesas, com as quais o Brasil nutria ampla intimidade cultural.

Cunha (2007) afirma que: “[...] o crítico completa seu raciocínio afirmativo que as literaturas brasileira e portuguesa estariam tão intimamente unidas até o século XIX que em alguns momentos de seu estudo optara por denominá-las 'literaturas comuns'” (CUNHA, 2007, p. 37). No século XIX, as regiões da América Latina

apresentavam poucos avanços e experiências no campo literário e seus escritores seguiam os moldes literários europeus, com obras estabelecidas para um público específico e bem reduzido. Segundo entendimento do crítico brasileiro, o destino dos escritores da América do Sul estava comprometido e determinado a ser o que eram, como nas palavras de Candido (2003), acrescenta que:

No entanto, é também possível imaginar que o escritor latino-americano esteja condenado a ser sempre o que tem sido: um produtor de bens culturais para minorias, embora no caso estas não signifiquem grupos de boa qualidade estética, mas simplesmente os poucos grupos dispostos a ler (CANDIDO, 2003, p. 144).

No entendimento de Candido, seria conveniente que fossem realizados nas regiões da América do Sul eventos culturais com envolvimento contínuo de seus escritores e colaboradores. Entendia que, dessa forma, haveria continuidade das obras literárias, aumentando os relatos dos fatos acontecidos de cada região do continente e um envolvimento melhor entre os elementos sociais envolvidos na manifestação literária local.

Partindo do princípio de que o estudioso Antonio Candido, analisava a relação entre o meio social, a obra de arte e seus limites, o ponto de vista sociológico e o literário e o escritor e seu público desejado, entende-se que não existe um conceito dissociado capaz de aprofundar-se tanto na obra como em seu contexto. Candido acrescenta em **Literatura e sociedade** (1965) que:

Considerações deste tipo fazem ver o que há de insatisfatório e pouco exato nas discussões que procuram indagar, como alternativas mutuamente exclusivas, se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas. Isto nos leva a retomar o problema, indagando qual é a função do artista, qual a sua posição social e quais os limites da sua autonomia criadora (CANDIDO, 1965, p. 30).

A obra literária está intimamente relacionada aos fatos ocorridos, assim como para o ficcional, não sendo possível desatarem um do outro. Assim sendo, a literatura e o ficcional prosseguem com suas conexões e dependências. A relação entre esses dois elementos literários torna-se essencial para a boa formação e compreensão da obra. O estudioso ressalta ainda em Candido (1965) que a atuação do artista estimula a ascensão de determinados grupos, de tal modo que a criação de novas obras literárias e diferenças nos recursos de comunicação passam por

modificações, para serem compreendidas de forma que possam alcançar e atender ao público desejado.

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse dêste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquêl contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 1965, p. 45).

É notável que o uruguaio Rama também aprendia e repensava suas formas de educar e do fazer literário ao observar a maneira como os outros educavam e abordavam suas obras literárias e suas relações com o público. Diante desse panorama, percebeu que precisava revisar e sintetizar em suas obras, enfatizando aspectos mais específicos, com especial atenção a questões centrais da sociedade. Nesse sentido, Cunha (2007) esclarece que:

Ao longo de sua trajetória crítica, para tratar de entender a nova fase que ele, homem das letras, vivia na sociedade latino-americana, Ángel Rama repensou e criou vários conceitos, como os de *comarca cultural*, *generación crítica*, *transculturación narrativa*, que tiveram significativa projeção no campo dos estudos da cultura latino-americana. Pode-se considerar que Rama deu continuidade e aprofundou, com sua geração, a idéia de América Latina integrada como um projeto coletivo a ser levado adiante pela intelectualidade. Estes conceitos já haviam sido abordados por outros pensadores, entre eles Pedro Henriquez Ureña (1884-1946) e Mariano Picón Salas (1901-1965), que, podendo ser considerados mais representativos, serão abordados neste trabalho (CUNHA, 2007, p. 22).

Tais considerações permitem entender que a literatura contemporânea não consiste apenas em uma organização fictícia, bem organizada e escrita de forma a atender determinado grupo de pessoas. Logo, entende-se que ela é configurada, sobretudo, como uma escrita de constante diálogo entre o escritor e seu público, com singulares capacidades, porém atendendo a normas e estruturas específicas, podendo, por meio de suas histórias fictícias, inserir temas próprios da sociedade.

A proposta crítica de Rama era pertinente à geração de estudiosos e letrados da América do Sul do período. Para tanto, o conceito de geração crítica sugerido e organizado por ele abordaria aspectos educativos, ampliando a produção literária de forma adaptada a um propósito formador de público leitor com inclinação para literatura. Além disso a época foi oportuna e apropriada para tal, já que o escritor passou a contar com o desenvolvimento da imprensa escrita e outras influências

educativas que constituíram-se como fatores relevantes e fundamentais para que seu pensamento fosse adiante.

O Brasil encontrava-se em pleno desenvolvimento cultural, em um verdadeiro processo de renovação educativa. Nesse sentido Aguiar e Vasconcelos (2001) destacam que:

Essa onda, que se estendia pelo continente poético ao mesmo tempo que se começava a adotar o momento narrativo realista elaborado com pesada adequação, abrindo, portanto, o chão sobre seus pés, não diminui a transcendência inaugural da Semana de Arte Moderna paulista. Aqui, pela primeira vez, assiste-se à eclosão de uma vanguarda orgânica, que reúne múltiplos criadores, restabelece os vínculos entre as diversas artes, fazendo que compartilhassem a mesma aventura pintores, poetas, músicos e ensaístas e, por último, promove uma série de textos teóricos (Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, o resgatado Graça Aranha) para dar sustentação à nova obra criadora (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 114).

Uma nova geração de intelectuais na cultura da América do Sul surgiu a partir dos anos 1940, que permitiram singulares avanços e melhorias no conjunto das análises e opiniões literárias. Aguiar e Vasconcelos (2001) afirmava que: “[...] ao se iniciar a década de 1940 produz-se o primeiro auge da narrativa Latino-Americana: aumenta o número de obras, multiplicam-se os caminhos” (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 150).

Esse período poderia ser considerado como um recomeço da cultura literária da América Latina e o advento de uma nova linhagem cultural nesse continente, que substituiria os modelos existentes, herdados da cultura europeia. Contudo, afirma que esse procedimento aplicado não significaria o fim das contribuições europeias, tanto nos processos educativos como no fazer obras literárias. Serviram, no entanto, para despertar a geração de intelectuais educadores e escritores latinos, a fim de que eles pudessem experimentar um novo modelo educacional e uma nova forma de arquitetar obras literárias, estabelecendo, com isso, arranjos culturais adaptados para suas realidades.

Para Rama, as culturas desenvolvidas em cada região do subcontinente apresentavam amplas riquezas como as línguas indígenas e românicas, as áreas culturais e linguísticas diversificadas, as tendências religiosas e as múltiplas influências dos modelos europeus e, por isso, deveriam mostrar-se como autônomas, não se escondendo nas condições de dependências e influências de outras culturas literárias, dando seu grito de independência cultural. O crítico

uruguaio deixa claro em **Literatura, cultura e sociedade na América Latina** (2008) que a dependência entre a arte e a história do povo latino-americano é mais estreita do que em outros povos. Comenta ainda que para os apreciadores da literatura e da arte como puro deleite pode parecer muito mais atrativa a perspectiva da cultura moderna estrangeira ou sucessão de valorizadas criações que se acumulam e constroem hierarquias no desenvolvimento histórico das culturas universais. Rama adverte que não se faz escolhas por razões artísticas, mas decorrentes das mudanças vertiginosas que ocorrem no espaço movediço da realidade. Segundo Rama (2008):

A opção pela América Latina, preferencialmente, não se fará por razões exclusivamente estéticas – que não existem e nunca existiram -, mas por razões morais, sociais, metafísicas, pelo entendimento de nós mesmos, onde estamos, e pelo que necessitamos de imediato, de nutritivo, de revigorante (RAMA, 2008, p. 66).

E o crítico argumenta de forma incisiva que o motivo de sua preferência pela literatura latino-americana decorre de razões impositivas do compromisso com o ser e o estar em um contexto de diversidades e adversidades. Em atritos que redundam nas constantes buscas de trocas e interpolações culturais, Rama (2008) declara que:

Não escolhemos a literatura latino-americana por ser superior ou mais qualificada, mas simplesmente porque nela estamos, nela somos. Do mesmo modo que não escolhemos a terra em que nascemos com seus problemas, entendemos que não atender a suas exigências, e inclusive a suas adversidades, implicaria uma traição que, mais que ao país ou à sociedade, seria a nós mesmos. Algo que nos anularia (RAMA, 2008, p. 66).

Rama proclama que somente os latino-americanos podem valorizar sua literatura porque vivenciam e conhecem com profundidade o contexto em que ela se reproduz. Pondera que independentemente de escolhas há um compromisso filial com o solo em que se calcam os primeiros passos de um indivíduo:

Mas mesmo se não a escolhemos, somos os únicos que podemos valorizá-la de maneira legítima, porque a conhecemos de forma íntima e espontânea, as leis que a regem, os reais sabores que utiliza, o empenho estrutural que a conduz. Vivemos dentro de seus temas, seus materiais, seus estilos. Porque, na verdade, não somos seus produtores ou consumidores como simplesmente é costume pensar, mas fazemos parte dela, nela vivemos integrados e nos transformamos conjuntamente, seja quando a criamos ou quando somos criados por ela (RAMA, 2008, p. 66).

Pode-se observar nas ponderações do crítico uruguaio o anseio em substituir o método historiográfico europeu do século XIX, por um sistema crítico de abordagens que contemple as especificidades da literatura latino-americana.

Sobre isso, pondera Cunha (2007): “Segundo o raciocínio de Rama, a cópia mecânica dos modelos europeus, conforme elaborada pelos primeiros historiadores das letras nacionais na América, estaria alcançando um resultado contrário ao esperado” (CUNHA, 2007, p. 310).

Antonio Candido, percebia que a cultura literária e a literatura brasileira herdadas dos portugueses estavam passando por um período de empobrecimento, precisando de ser renovadas. Afirmava a importância de um sistema literário conveniente ao de uma história comum das literaturas e culturas para as distintas regiões da América do Sul, uma vez que o fundamental seria a constituição de uma unidade diversificada de obras literárias. Cunha (2007): “[...] explicita que trabalhara a partir de uma perspectiva histórica e que, para tanto, procurava definir ao mesmo tempo o valor e a função das obras [...]” (CUNHA, 2007, p. 34).

Em consequência disso, surgiu mais uma importante consideração da obra de Rama, citado por Aguiar e Vasconcelos (2001): “A América Latina dividida em comarcas culturais que iam além das fronteiras nacionais e, que são, de resto, em nosso continente, com muita frequência, de caráter tão arbitrário”:

Tal projeto de um grupo de intelectuais latino-americanos acreditava que nesse espaço de enunciação existiam forças unificadoras, com capacidade de construir uma estrutura apropriada para sua educação, e que, a partir de observações das histórias passadas e modelos similares dos séculos passados, elas poderiam ser até mais potentes, relacionando-se com mais exatidão (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 24).

O Brasil, portanto, apesar de ser um país colonizado por portugueses, não fala a mesma língua que os outros países da região, o espanhol, mas faz parte da mesma comarca cultural proposta por Rama por estar situado dentro da mesma unidade territorial e por clamar pelos mesmos ideais de liberdade.

3.3 A TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA PROPOSTA POR ÁNGEL RAMA

A ênfase do novo conceito de transculturação narrativa do intelectual uruguaio Rama assemelha-se à mistura de culturas e manifestação de uma terceira cultura,

originada pela rapidez com que tal processo teria ocorrido na história de Cuba e da América do Sul. Cunha (2007) destaca que: “[...] o crítico uruguaio defende que, diante da necessidade que as literaturas latino-americanas tiveram de se tornar independentes das literaturas-mães, espanhola e portuguesa” (CUNHA, 2007, p. 128).

Rama não abria mão de auxílios para a organização do inédito projeto cultural e literário para a América Latina, apoiando-se em todos os intelectuais que, de alguma forma, poderiam contribuir para a estruturação do método proposto. Nesse sentido, podem auxiliar as discussões propostas pelo escritor italiano Vittorio Lanternari, citado por Cunha (2007). “Para progredir no desenvolvimento da *transculturación narrativa*, Ángel Rama se apoiará em *Désintégration culturelle et processus d'acculturation* (1966), de Vittorio Lanternari” (CUNHA, 2007, p. 133). O escritor esclarece que as transformações culturais ou modernização cultural poderiam estabelecer-se como questões de desinteresse cultural, o que seria entendido como retrocesso cultural.

Segundo Cunha (2007), Rama acreditava que sua proposta literária e cultural poderia valorizar as culturas regionais, iniciando o processo com autores e conceitos já desenvolvidos na América Latina. Com a escolha dos intelectuais já mencionados, o conceito de transculturação a ser utilizado seria o proposto pelo cubano Fernando Ortiz: (1983), citado em Cunha (2007):

Lembremos aqui que Rama, ao adotar o conceito de *transculturación* elaborado por Ortiz, procurava a valorização de uma perspectiva latino-americana a qual entendia o processo como via de mão dupla, ou seja, que tanto a cultura interna quanto a externa em contato em determinado território experimentaríamos transformações recíprocas a partir desse encontro (CUNHA, 2007, p. 142).

As culturas africanas procriaram valores admiráveis na formação cultural das regiões da América Latina. Nesse sentido, Cotrim (2010) acrescenta que: “[...] espalhadas por todas as regiões do país, as culturas africanas integram o modo de ser, pensar e viver da população brasileira. Do mesmo modo, o trabalho do africano e de seus dependentes marca a economia brasileira no passado e no presente” (COTRIM, 2010, p. 45). Nota-se que as duas nações passam pelo processo de absorção cultural, que se constitui em uma neoculturação, ou seja, a articulação dos elementos culturais originais junto aos externos adquiridos, apontado por, Cunha

(2007) como: “[...] via de mão dupla, ou seja, que tanto a cultura interna como a externa em contato em determinado território experimentaríamos transformações recíprocas a partir desse encontro” (CUNHA, 2007, p. 142).

Aguiar e Vasconcelos (2001) acrescenta que tal ideia levava o crítico uruguaio a buscar considerações de que formas a modernidade europeia, mediante o processo de transculturação, adaptar-se-ia às realidades de cada região do território latino-americano, uma vez que esse era condicionado ao outro. Por isso, ele se questionava como as comarcas internas dessas terras receberiam as investidas culturais provenientes dos povos das regiões consideradas mais adiantadas:

No variado panorama cultural atual, testemunho da dinâmica das sociedades latino-americanas contemporâneas, um extenso capítulo é ocupado pelos conflitos das sociedades regionais que se deparam com a modernização incorporada por intermédio de cidades e portos, proclamada transmissora do progresso e que as *elites* urbanas dominantes instrumentam. Como possível comprovar em inúmeros exemplos, esse processo de aculturação não responde a um mero intercâmbio civilizado entre culturas, mas é a única opção que se impõe para poder solucionar um choque de forças culturais muito díspares, uma das quais viria a ser previsivelmente destruída no confronto, sendo simplesmente vencida em termos de pacto. Os regionalistas respondem a esse conflito: tentarão evitar a ruptura, que se aproxima, entre os diferentes setores internos que compõem a cultura latino-americana, devido a desigual evolução experimentada e aos diversos ingredientes originários, enquanto assistem a uma aceleração modernizadora (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 212-213).

Entende-se, assim, a importância e necessidade do implemento de um conceito cultural apropriado que valorizasse as culturas dos países da América do Sul. Uma vez que segundo Cunha (2007), Rama propunha uma região interligada culturalmente, considerava fundamental as discussões a respeito da importância do conceito cultural pelos intelectuais nacionais.

Ortiz conceberia a *transculturación*, segundo se pode perceber em alguns momentos, como um processo de resposta da cultura já instalada em Cuba ao contato com a do ocidental, ao impacto externo em vários âmbitos. Ángel Rama, por sua vez, pensando na literatura como uma das manifestações da cultura, isto é, como uma produção simbólica permeada pelas lógicas do social, do político, do tecnológico e do econômico, percebe que estas também receberia um pacto externo, que lhe proporcionaria uma possibilidade de transformação (CUNHA, 2007, p. 128-129).

O vínculo necessário transcorreria por influência da literatura enquanto sistema de ligação que rompe fronteiras e tradições. Antonio Candido desenvolveu

um conceito que teria no romance um exemplo ideal para representar tal integração. Sabe-se que a literatura, por intermédio de seus recursos linguísticos, possibilita uma infinidade de caminhos para o processo de transculturação. Rama percebia ser possível por meio da inovação representada pela obra literária construir uma nova linguagem conhecida ou nativa que pudesse incorporar ao seu discurso diferentes formas.

Na ficção latino-americana, um nome que merece destaque é o do peruano José Maria Arguedas, que contribuiu com sua obra literária **Os rios profundos**, publicado em (1977). Para a defesa da concepção de comarcas ideológicas no novo continente, conforme sugerido por Rama. Essa obra encantou o crítico uruguaio exatamente pelo fato de Arguedas discorrer sobre sua região, local que ele conhecia profundamente, assim como de suas dimensões culturais. Além disso, o autor aproveitava-se também das diferentes fontes de informações a fim de retratar na obra as características comuns da região, questionando sua realidade, por meio de pensamentos criativos e lógicos, examinando sua adequação como meio para estabelecer conhecimentos e educação.

O gênero literário tem várias determinações de suas funções perante a realidade que o rodeia: ele é autônomo em relação às outras atividades do saber e da arte e pode ser considerado decisivo na produção da literatura latino-americana, por ter extensa potencialidade linguística e ideológica. Seu prazer estético está relacionado com a escolha e o estilo particular de disposição, possibilitando a criação de uma linguagem apropriada e capaz de restaurar formas populares ou nativas para, a partir disso, idealizar uma união dessas informações no discurso literário. Onofrio D' Salvatore (2004) em sua obra **Teoria do texto**, acrescenta que:

Somente com o declínio da poesia épica, a partir do início do século XVIII, a ficção em prosa, assumindo o papel da poesia de expressar a totalidade da vida, passou a adquirir o estatuto de gênero literário. O romance, considerado o filho bastardo da epopeia, ornou-se, então, a forma literária que melhor exprimia os anseios da nascente burguesia, produto das revoluções Comercial e Industrial, que derrubaram o absolutismo político e cultural. Literatura não mais destinada a um pequeno círculo de gente culta, mas à classe média, ávida de encontrar consignados em forma de arte seus problemas existenciais, suas lutas, suas aspirações (ONOFRIO, 2004, p. 117).

Como se pode perceber, a narrativa como gênero romance tem origem muito remota. Ocorre que esse tipo de ficção viveu muito tempo estático pelos gêneros

literários costumeiros e não recebeu a análise crítica devida. Os ensinamentos poéticos da época do classicismo cuidavam apenas dos textos versados para um público privilegiado.

Apesar da admirável força dos textos poéticos, herança hispânica da época que expressavam as culturas populares com suas elevações e singularidades, como passatempo das classes superiores, eles não resistiram ao tempo, ao desenvolvimento e aos anseios da nova classe média que se estabelecia. Queriam ocupar um espaço, se mostrarem e compartilharem suas produções com a alta sociedade - diferente das elites europeias. Contudo, essas classes compunham e formam as elites sociais das regiões da América Latina, que deveriam ter sua própria narrativa.

Chegando de forma tímida e gradativa, o gênero romance se fortaleceu nos jornais e outros diferentes meios de comunicação da época, ganhando vigor e tornando-se um moderno sistema de comunicação das classes sociais, conquistando espaço entre os grupos influentes. Outra característica relevante é que o romance literário era divulgado para todas as classes sociais que desejassem ler pelo prazer.

Diante das mudanças, vale advertir para o princípio de transformações e da modernidade, tanto no contexto de uma nova geração de escritores literários, quanto nos meios de comunicação. Nas ressalvas de Aguiar e Vasconcelos a nova geração de escritores focava nos seus romances literários os aspectos sociais e socioeconômicos da sociedade regional, podendo, assim, explorar esse meio de comunicação de grande abrangência. **Literatura e cultura na América Latina** (2001), acrescenta ao mesmo tempo estas informações:

O triunfo da objetivação que o romancista deve buscar: o funcionamento dos personagens, suas situações, embora particulares, estão sutilmente implicadas no processo da sociedade como um todo, respondem a ela não como meros elementos determinados, como meras consequências esquemáticas, mas sim no diálogo vivo que todo homem estabelece com seu tempo, fazendo com que este exista porque ele existe previamente (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 91).

As declarações sobre o gênero literário remetem ao romance, entendido como uma espécie decisiva na constituição literária regional e uma forma de desenvolver, inventar e criar uma nova linguagem, oferecendo ao autor a oportunidade de produzir cultura com elementos específicos e singulares da

sociedade sul-americana. Dessa forma, as histórias da América Latina foram fundamentais para que fossem criadas oportunidades para recuperar e incorporar aspectos populares envolvidos no discurso literário regional.

O autor uruguaio ressalta que os avanços e inovações literárias originárias das metrópoles, compreendidas como referência, podem se chocar com a herança cultural da América do Sul. Porém, tal conflito poderá ser superado por meio de transculturação, o que ocasiona uma parcial desculturação, para que, em seguida, ocorra absorção de elementos da outra cultura, a externa. Posteriormente, ocorre a neoculturação, que envolver-se-á com os elementos remanescente da cultura procedente, além de aspectos novos, oriundos da cultura externa, como pode-se observar em Aguiar e Vasconcelos (2001):

Lembremos que isso implicaria, em primeiro lugar, uma “parcial desculturação”, que pode mostrar graus muito diferentes e afetar várias áreas do exercício literário, embora comportando em todos os casos perdas obrigatórias em relação aos funcionamentos anteriores, que são abandonados por serem obsoletos. Seu alcance não pode ser medido completamente, e muito menos serem apreciadas as diversas soluções a que se chega (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 218).

Desse modo, faz-se importante refletir de que modo seria possível introduzir as inovações literárias originárias dos grandes centros urbanos e como as formas populares poderiam fazer parte do referido conceito.

Retomando os níveis de operação transculturadoras propostas por Rama, o nível linguístico resgata os estilos de procedimentos culturais da região, o que resulta em uma forma diversificada de linguagem literária específica, permitindo a inclusão de elementos românticos, poéticos e dramáticos na elaboração de discursos literários.

O escritor, assim, promove um diálogo entre o popular e o erudito. Sabe-se que o popular era anteriormente citado entre aspas ou explicado por meio de glossários, o que gerava um distanciamento, já que aparentava ser inferior. Como termo empregado pelos autores regionalistas da época, tal método de expressão seria ultrapassado e portanto, alterado por um encurtamento da distância e da influência entre os linguajares. Conforme Aguiar e Vasconcelos (2001): “[...] é o autor que se reintegra na própria comunidade linguística, falando a partir dela, com uso desembaraçado de seus recursos idiomáticos. Como, no caso concreto dos

transculturadores, essa comunidade é do tipo rural [...]” (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 220).

Segundo Aguiar e Vasconcelos (2001) o nível da estruturação narrativa ou da composição literária não poderia ser, desse modo, diferente, sendo o texto elaborado: “[...] do narrar espontâneo; ou encontrou-se a solução para o relato episódico e dividido por meio do contar dispersivo das 'comadres', suas vozes sussurrantes [...]” (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 221, grifo do autor). O nível das intervenções transculturadoras iria ao encontro da “modernidade” e da construção de novas composições literárias, distintas de seus autores regionalistas, além do estabelecimento da narração fragmentada, produto da modernização literária, triunfo da aparição dos regionalistas, ocorrida na segunda metade do século XIX.

Esse movimento cultural acarretaria consideráveis mudanças sociopolíticas nos países da América Latina, acelerando o processo de modernização cultural. Conforme Rama, o terceiro nível das operações transculturadoras, o da cosmovisão, estaria ligado aos valores e às ideologias desenvolvidas em determinados grupos, parecendo ser o mais valorizado pelo autor, sendo definido como principal. Nesse nível, significados seriam produzidos e valores se desenvolveriam, por isso, representaria o nível mais difícil de se render às modificações homogeneizadoras da modernização. Diante disso, pode-se inferir que os escritores tinham a oportunidade de resgatar a identidade das culturas regionais com suas singularidades, uma vez que, segundo o autor, o nível da cosmovisão seria o mais reconstrutor.

Os três níveis das operações transculturadoras, desenvolvidos de maneira articulada, harmonizam-se por meio de procedimentos transculturadores, aproveitando o trânsito entre o regional e o universal. Para isso, Rama utilizou elementos do meio indígena objetivando resgatar a tradição ameríndia como forma de dar voz aos silenciados pela cultura letrada. Narrou uma primorosa obra literária, em terceira pessoa, que desponta momentos de emoção com a participação do escritor, como um meta narrador ao se aproximar dos leitores. O autor comenta sobre a história, faz críticas, observações, fala dos personagens como **intromissões**, em alguns momentos do texto, de forma a revelar determinadas condições socioeconômicas, culturais e sociais das regiões brasileira e além das fronteiras do novo mundo.

Tais fatos, atrelados aos bons e oportunos relacionamentos de Darcy Ribeiro, com personalidades distintas do meio educacional, de outras comarcas literárias, foram pelo uruguaio percebidas como fatores fundamentais para o fortalecimento de suas ideias e para sua aproximação com personagens de outras regiões.

4 A TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA EM VILA DOS CONFINS

No Brasil os anos 50 foram marcados pelas amplas expectativas, segundo os apontamentos de Luiz Koshiba e Denise Manzi Frayze Pereira, em sua obra **História geral e Brasil** (2004) que culminaram com “A vitória eleitoral de Vargas em outubro de 1950” (KOSHIBA, 2004, p. 381). Foi um dos fatores marcantes da década de 1950 para o Brasil, aquecidas por tensões voltadas para a sucessão presidencial e para a copa do mundo de futebol, que seria realizada pela primeira vez no Brasil. Na orelha do livro Palmério (1983) registra-se que no: interior de Minas Gerais, nascia Mário Palmério no dia 1º de março de 1916, na cidade de Monte Carmelo. Palmério atuou como professor, político e escritor e formou-se em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Consagrou-se na vida política, quando foi eleito como deputado federal em 1950, cargo para o qual foi reeleito até 1958. Em 1962 tornou-se embaixador do Brasil no Paraguai, onde ficou por dois anos. Além disso, ocupou a cadeira deixada por Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1996 aos 80 anos de idade.

Em 1956, quando completou 40 anos, publicou **Vila dos Confins**, sua primeira obra literária, na qual registrou a vida política polêmica do interior do sertão mineiro, a partir da história de um lugarejo perdido, que estava organizando sua primeira eleição para prefeito, como aponta o escritor na orelha do livro. Faz, assim, uma denúncia política, o que imprime à sua obra caráter atemporal.

A história contada é vigorosa, narrada de forma simples e esclarecedora. Ao registrar a eleição que está prestes a acontecer, revela as imposições dos respeitáveis fazendeiros, os chamados **coronéis**. Os personagens, construídos a partir da vida simples e pacata de um povo e suas peculiaridades, são mostrados a partir das histórias que têm para contar, o que valoriza a obra, atribuindo-lhe a função agregadora.

Vila dos Confins mostra o meio rural mineiro como lugar longínquo no interior do estado, privilegiado por difundir boas amizades que circulam em torno de distrações como pesca, caça e uma boa prosa nas reuniões entre amigos nos armazéns, nas casas dos compadres e nas fazendas do lugarejo, onde também se podia tomar uma cachacinha enquanto contavam-se casos.

Nesse espaço podiam ser encontrados, ainda, os poderosos fazendeiros locais que, por meio de seus jagunços, dominavam e controlavam tudo e todos.

Eram eles também que prestavam socorro e ajudavam ao homem do campo quando era necessária qualquer assistência. Como esclarece Victor Nunes Leal (1986), o coronel é o homem que assiste, protege e representa o homem simples e carente do campo.

É o fazendeiro, o “coronel”, quem assiste o **jeca** nas suas dificuldades de vida, é quem lhe dá um trecho de terra para cultivar, é quem lhe fornece remédios, é quem o protege das arbitrariedades dos governos, é o seu intermediário junto às autoridades (LEAL, 1986, p. 25, grifo do autor).

O escritor retrata na história uma típica classe desfavorecida e esquecida pelos governantes, à mercê da própria sorte, representada pela população rural do sertão dos confins mineiros. Com isso, Palmério revela posturas sociais e políticas da sociedade da época, expondo, por meio dela, certos atos individuais, como os valores éticos e altruístas, desconhecidos por muitos e respeitados por poucos.

O sertão rural mineiro estabeleceu-se como fator essencial para a criação da obra literária. Para tanto, seriam necessários conhecimentos razoáveis da vida interiorana e domínio sobre elementos sociopolíticos e culturais da região. Os fatos ocorridos nas décadas de 1930 e 1940 constituíram-se como elementos ativos para o desenvolvimento do enredo, sendo considerada, ainda, a relação política a partir da estruturação do Estado Nacional.

Pode-se observar ao longo da narrativa que há algo a mais por trás das aparências anódinas do homem do campo. Parece haver uma inquietação do autor com o povo sertanejo e com a forma como ele é tratado pelos chefões do sertão que lidavam com o poder na região. Palmério desejava, com isso, produzir informações sobre o descaso com o meio rural e o autoritarismo dos poderosos fazendeiros. Nota-se, com isso, que o autor mostrava-se como um incansável perseguidor daquilo que acreditava ser o melhor para todos, em contínuas buscas por melhorias na educação de sua cidade, como se pode confirmar nas relevantes contribuições de André Azevedo da Fonseca (2012):

Contudo, a ascensão de Mário Palmério era de outra natureza. Quando em julho de 1950 a Faculdade de Odontologia foi oficialmente reconhecida pelo Ministério da Educação e Saúde (Brasil, 1950b), por exemplo, o *Lavoura e Comércio* (24.7.1950, p. 1) registrou que o momento representava “a consagração definitiva de uma das maiores conquistas uberabenses até agora alcançadas no terreno do ensino”. “A verdade é que o professor Mário Palmério operou uma grande transformação no nosso cenário de ensino, contribuindo admiravelmente para elevá-lo ao mesmo nível alcançado pelas

mais importantes metrópoles do país.” Para o jornal, a chancela do governo estava “coroando o esforço”, selando o triunfo do dinâmico diretor do estabelecimento” e expressando a “vitória do idealismo” e de sua “vontade construtiva” (FONSECA, 2012, p. 251-252).

Essas características de **Vila dos Confins** permitem a aplicabilidade da proposta crítica do intelectual uruguaio Rama para o estudo da atuação do caixeiro - viajante Xixi Piriá nas malhas narrativas do sertão mineiro, bem como a exploração do regional e da mineiridade.

A revolta e o desejo de mudar situações incabíveis podem ter atuado como elementos motivadores para que Palmério transformasse suas experiências e observações em texto literário. A existência de fraudes políticas já era fato conhecido e divulgado por textos de caráter oficial, como o próprio relatório por ele produzido, que embasou a elaboração de sua obra, e também pelo texto documental de Leal (1986):

O critério mais lógico, sobretudo por suas consequências eleitorais, é dar preferências aos municípios cujos governos estejam nas mãos dos amigos. É, pois, a fraqueza financeira dos municípios um fator que contribui, relevantemente, para manter o “coronelismo”, na sua expressão governista (LEAL, 1986, p. 45).

O narrador se encarrega de revelar o Sertão, seus limites e a certeza de que essa região existe em qualquer lugar, entre montanhas, rios e ondulações no relevo, com abundância de águas que formam vales férteis e verdes, elementos identificados como típicos de paisagens das regiões mineiras e de outros estados do Brasil. O sertão mineiro apresentado em **Vila dos Confins** constitui-se como espaço particular para a discussão de parte da formação do Estado para a construção da identidade nacional. Ele seria, assim, uma área de múltiplas fronteiras e de força integradora do meio e do homem, no qual vivem diversos tipos sociais desencadeadores dos mais variados acontecimentos. Registram-se as considerações de Schmitt (2010) a respeito da agregação das diferenças:

Na ciranda da vida social os homens se dão as mãos e no contato epidérmico, reconhecem-se diferentes ou iguais, afinados ou desconcentrados, irmanados ou rivais. Alguns saltam para fora da grande roda e se marginalizam no pó da estrada; outros optam por descobrirem-se iguais, uma vez que respeitadas as diferenças, e delimitam seu espaço, ora no chão, com fincos de aço, ora contornando estrelas no firmamento, com fios que as aranhas tecem incansáveis (SCHMITT, 2010, p. 84).

Tais afirmações se tornam possíveis a partir das ideias desenvolvidas por Rama. Decididamente, ele procurou formular o conceito de transculturação narrativa para uma abordagem crítica que atendesse às especificidades da literatura da América Latina, objetivando resgatar e valorizar os fatos históricos empregados como matéria prima da ficção.

No nível linguístico, a estrutura narrativa surge a partir dos diálogos dos próprios personagens, com a reprodução dos regionalismos próprios de sua fala. No nível da estruturação literária, o texto é elaborado a partir do impacto modernizador que age sobre a cultura tradicional, visando resgatar o narrar espontâneo e dispersivo, próprio dos relatos da oralidade. Nesse nível encontram-se as criações literárias dos escritores herdeiros do regionalismo, que registram a visão de mundo dos que transitam entre realidade e fantasia nos domínios da imaginação popular.

Quando é abordado o processo da transculturação narrativa, proposto por Rama, imperiosa se faz a remissão às considerações sobre os processos de aculturação pelos caminhos antropológicos. O termo aculturação, dentro da antropologia hispano-americana, foi revisto pelo ensaísta cubano Ortiz, em 1940, quando ele propôs permutá-lo por **transculturação**, que considerava mais adequado para a compreensão da história de Cuba e, por questões análogas, a de toda a América.

Cunha (2007) percebe que Rama propôs um conceito que acreditava ser uma forma de abordagem do novo romance latino-americano. Para tanto, apresenta uma proposta sobre a transculturação narrativa em Aguiar e Vasconcelos (2001):

[...] o vocábulo “transculturação” expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano “aculturação”, mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial desaculturação, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação (AGUIAR e VASCONCELOS, 2001, p. 216).

Segundo suas considerações, durante o processo de transculturação, podem ser observadas intensas mudanças de elementos culturais envolvidos no procedimento de alterações, perdas e absorções, que ocorrem por intermédio das imposições advindas dos processos de dominação político cultural. É precisamente a partir dessas possibilidades que tem início o fenômeno transculturador, propiciando

transformações nos hábitos e nas culturas em ambas as partes envolvidas na interpenetração de costumes e padrões comportamentais. Na obra **Vila dos Confins**, de Mario Palmério, vemos o processo na fala do pescador Gerônimo, que orienta o amigo, deputado Paulo durante a pescaria. Como pode-se observar em Palmério (1983, p. 37): “- E não deixe a corda correr para no rebojo, senão ela vai engarranchar na minha linha...”.

As mudanças culturais que sobrevêm nos comportamentos do homem dão-se de forma recíproca, como acrescenta Cunha (2007) ao esclarecer que o fenômeno da transculturação ocorre em dois sentidos, sendo ele um lento e gradual processo de mudanças de procedimentos: “[...] tanto a cultura interna quanto a externa em contato em determinado território experimentaríamos transformações recíprocas a partir desse encontro” (CUNHA, 2007, p. 142).

O autor utiliza palavras importadas de outro idioma para delinear o perfil de um personagem símbolo, como no caso do padre Sommer, o pároco do lugarejo. Como indica essa passagem da obra, segundo Palmério (1983, p. 24): “Pe. Sommer... igual mesmo às chuvas: trazia vida ao arraial, e só ele para lavar aquelas almas de tanta sujeirinha acumulada”. O padre tinha sua convivência com o sertão, seu povo e suas peculiaridades. Suas características contracenam com a dura vida do ambiente, além de demonstrar o quanto eles precisavam suportar as imposições dos poderosos fazendeiros, assim como os desmandos governamentais que subjugam o povo sertanejo.

Em um processo de transculturação da linguagem, o escritor registrou signos linguísticos que, por não serem facilmente decodificados pelo leitor de língua portuguesa, exigem um maior envolvimento com o drama do personagem, como em Palmério (1983, p. 24): “- Beleza mesmo, João Soares: há muito tempo que não vejo um pé-d’aguão assim”.

Por outro viés de interpretação, as palavras que o autor registra entre os parênteses encerram uma chave de leitura. O **pé-d’aguão** pode ser interpretado como uma forte chuva que caía. O nome entre aspas usado pelo autor parece ser um nome comum e próprio da região pelo povo sertanejo. O elemento de tradição, no entanto, deveria ser o traço de destaque do regionalismo, mas as estruturas literárias transformaram-se, procurando, com isso, resguardar os mesmos valores. Sendo assim, a narrativa passaria por uma adaptação, sendo nela incluídas novas articulações literárias, o que corresponderia a uma aculturação nas obras literárias,

como se evidencia na fala do pescador Gerônimo, indicado anteriormente neste estudo.

O enfrentamento entre a cultura interna e externa seria a única maneira de manter essas duas culturas interligadas, de forma a não apresentar, em nenhuma delas, traços de inferioridade. A transculturação em **Vila dos Confins** ocorre a partir do envolvimento com pessoas de fora do sertão, como no caso do trânsito do caixeiro viajante Xixi Piriá. Conforme em Palmério (1983, p. 17): “O mascate não podia afrouxar a marcha: todo o sertão tinha encontro marcado com ele”.

Olhando para o homem do sertão ou rural podem-se perceber as diferenças do homem da cidade. A região citadina envolve e exige deste cada vez mais, enquanto que o campo com seu ar misterioso e quieto não apresenta como algo que exija tanto dos que nele vivem.

Outro personagem que desperta atenção é o padre Sommer, alemão de grande estatura, que apreciava a boa caça e gosta de pescaria com povo do local, como indica o trecho Palmério (1983, p. 80): “[...] – quase dois metros de altura, preto de sol, barba e cabelo de meses. Tudo isso e mais a batina parda e surrada e as sandálias de couro trançado davam-lhe aquele ar de selvagem de missionário antigo, do tempo das florestas e dos índios”.

Além disso, pode-se destacar também o deputado Paulo, que voltava sempre ao sertão para rever amigos e realizar campanha política, não se esquecendo do que aprendeu quando naquele lugar esteve, como no texto:

Aurélio levou o sobrinho até o preto velho que recolhia a tralha:
 - Me abra isso aí, ô bruaqueiro. Me deixe ver se o doutor aqui ainda conhece do ofício.
 O velho abriu a bolsa de couro cru. Esparramou pelo chão os objetos, misturando-os com o resto da tralha dos cargueiros. E Paulo foi cantando os nomes, orgulhoso da memória:
 - Freio água-choca. Serigote, enxerga, arreador... Cilha... Polaco... Retranca... Puxavante... Alegre... Fleme...
 - E aquilo ali?
 - Chilena... Cutuca... Pirai!
 Aurélio babava-se:
 - Muito bem, aprovado! E o nome da tralha do cozinheiro?
 - Mariquita!
 - E o distintivo do capataz?
 Paulo não se esquecera. Não podia mesmo esquecer. Nos bons tempos de menino, vivia perguntando o nome das coisas. Via-se de novo, respeitoso, respondendo às sabatinas do tio Aurélio. E a saudade lhe chegou tão grande que falou sério, com as mesmas palavras ensinadas pelo tio exigente:

- Capataz que se preze, tio Aurélio, imediato de confiança, de responsabilidade, usa distintivo de acordo: é um berrante de boi curraleiro, berrante bem grande e que chora bem grosso (PALMÉRIO, 1983, p. 111).

Candido (1965), na obra **Literatura e sociedade**, esclarece que a literatura e a vida social, estão relacionadas a partir do papel preponderante da sociologia ao abordar criticamente uma obra literária. A disciplina examina a influência do meio social na obra de arte e a repercussão desta sobre a criação dos personagens, além de estudar os aspectos literários e sociais que se transformam:

Não desejo aqui propor uma teoria sociológica da arte e da literatura, nem mesmo fazer uma contribuição original à sociologia de ambas; mas apenas focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos (CANDIDO, 1965, p. 21).

A classe humana é a única que apresenta o dom da conversação por meio da palavra falada ou escrita. Essa capacidade deriva da tendência natural do homem. Logo, sendo ele parte integrante de determinada comunidade social, suas ações em grupo e seus feitos culturais o diferem das demais espécies de animais, conforme elucidações de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Lanni (1973), na obra **Homem e sociedade**. Os papéis de um grupo social, o sucesso do sistema e a interação de seus integrantes dependem da cooperação de todos os seus membros:

Qualquer sistema de relações interpessoais entre atores individuais ou grupos de atores é um sistema social. Uma sociedade é um tipo de sistema social que contém em si os requisitos essenciais para a sua continuidade como sistema autossuficiente. Esses requisitos essenciais são, entre outros: 1) uma organização que tenha por eixos a localização no espaço e o parentesco, 2) um sistema que determine funções e a distribuição de recursos materiais e recompensas, 3) estruturas integradoras que controlem essa distribuição e que regulem os conflitos e os processos de competição. Os adultos, ao darem orientação à criança, agem de acordo com certos papéis, os quais são em boa parte institucionalizados; e desde os primórdios desenvolvem-se na criança expectativas de comportamento que rapidamente se tornam constituintes de papéis (CARDOSO e LANNI, 1973, p. 68).

O romance político apresenta-se como uma obra de denúncia, como já apresentado, ao expor as falcatruas dos poderosos fazendeiros que apoiam e são apoiados, buscando tirar vantagens nas eleições. O livro registra os acontecimentos praticados na política, tanto nas regiões rurais, quanto nas urbanas. O trecho a seguir comprova essas características da obra:

- Mas isto é um absurdo, Osmírio! E nem denunciar a bandalheira eu posso, porque, como você me disse, isso prejudica a vocês: o Carvalhinho lhe perdoaria! Ninguém aguenta isso, ninguém! O Caio, da Viação, a mesma coisa: deu agora para emprestar tratores para campos de futebol e estradinhas de fazendeiros, a troca de voto. Se a gente arranja as verbas, as estradas não saem a não ser com ordem dele. E não a dá, a não ser com o compromisso de votação! Candidato a federal, também, o Caio... Na agricultura, o Aloísio, idem: sementes, torta, arame, poços artesianos, tudo isso só sai dali com papel passado – compromisso de apoio à sua candidatura federal!

O pobre esbravejava:

- fazer política assim é humanamente impossível. Só vence hoje quem tem cargo executivo nas mãos, ou bastante dinheiro. Já há quem compre voto a duzentos mil-réis! Um homem como eu, que não tem secretaria, departamento de estradas e outras comedeiras, como vai fazer? (PALMÉRIO, 1983, p. 201).

Nos últimos anos, com o advento e desenvolvimento tecnológico em plena expansão mundial, o Brasil inovou, desenvolvendo e implementando urnas eletrônicas por todo país. Esse recente método eleitoral colocou fim ao antigo modelo de votação por meio de cédula de papel, sempre sujeita às temeridades da corrupção.

A região retratada no livro era dominada e assistida pelos poderosos fazendeiros, os coronéis possuidores das terras e das riquezas da região, que dominavam tudo e todos, como elucida Luiz Luna e Nelson Barbalho (1983):

[...] Sem lei e sem horizonte, onde imperava a vontade férrea do patriarca, mundo absoluto do fazendeiro todo poderoso, senhor e possuidor da terra e dos seus moradores, semente viva do coronel de barranco, com patente legitimada pelas Ordenanças e, do século XIX às primeiras décadas do atual, pela Guarda Nacional (LUNA e BARBALHO, 1983, p. 28).

A nova estrutura precisar ter como contrapartida mudanças na vida política e social. Por isso, os coronéis rurais teriam que dividir seu espaço de domínio com o prefeito do município. Com isso, tiveram início as ações político-partidárias, e os interesses particulares começaram a entrar em jogo. Victor Nunes Leal, contudo, em sua obra **Coronelismo, enxada e voto** (1986), comenta que a cidade pequena, mesmo escolhendo seu prefeito, não evitava que o coronel continuasse conduzindo seus feitos como antes Leal (1986).

Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal, o elemento primário desse seja, de liderança é o “coronel”, que comanda discricionariamente um lote considerável de *votos de cabresto*. A força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras [...] (LEAL, 1986, p. 23, grifo do autor).

O autor demonstra conhecimentos dos elementos da região rural, onde os eventos ocorreram, com uma pitada de calor humano, como se pode constatar no início da obra de Palmério (1983):

Tarde, seu Bento! O senhor não morre tão cedo... Lá envinha caminhando, lá envinha banzando: "Vou comer o feijãozinho com pele Da. Sinhá do Seu Bento Correia... Só meia leguinha de volta..."
 - Sente um pouco seu, Xixi. Me dá um de-papel dos seus.
 Xixi forrou o toco de pau com o lencinho desdobrado; ofereceu a cigarreira, e bateu, depois, a binga luxenta. Quem tinha mesmo razão era a laiá do Seu Lucas: "- É um amor de criatura, o Xixi Piriá!" (PALMÉRIO, 1983, p. 15).

A história narra as imposições dos poderosos fazendeiros do sertão mineiro e o sentimento de desprezo e desamparo por partes dos governantes, temas que se destacam na literatura regionalista do século XX, manifestando-se como denúncia política e social. Por assinalar ocorrências semelhantes às da vida real, alguns romances margearam o limite entre a literatura e a história, motivando estudiosos a pesquisar nas obras de análise até onde iria a narrativa ficcional e onde começariam os fatos históricos.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO SOB A ÓTICA TRANSCULTURAL NO ROMANCE DE MÁRIO PALMÉRIO

O romance **Vila dos Confins** possui elementos referentes aos níveis do processo transculturador. Os três níveis propostos por Rama, serão aqui explorados: o nível da linguagem; o da estrutura narrativa e o da cosmovisão, que, de forma articulada, são identificados no trânsito entre o regional e o universal.

O mascate Xixi Piriá desempenha papel relevante na narrativa, no entanto, aparece pouco na ficção. A história começa mostrando o personagem, mas, após esse momento inicial, o livro alterna entre sumiços e reaparecimentos. Apenas no final do romance ele surge novamente e se destaca com brilhantismo, ao desferir golpes fatais de punhal contra o temido jagunço Filipão, como registrado na passagem a seguir:

O copo voou – cheio, pesado, transbordando da pinga nova do Bilé – para se espatifar no meio da testa do Filipão. E, inteiramente atuado pelo capeta que tomara conta do seu corpinho magricela, o mascate saltou. Uma das

mãos no pescoço do bandido, a outra agarrada ao cabo do punhal de prata – presente do seu doutor, dado ali mesmo na venda do Fiico! Quando as mãos de Filipão largaram de esfregar os olhos queimados pelo fogo da cachaça e procuravam a cintura, era tarde: trançadas, agarradas que nem trepadeira em tronco de pau, as coxinhas de passarinho de Xixi Piriá lhe abarcavam a cintura, rijas que nem cipó, fechando o caminho da mão canhota, prendendo o revólver na capa da guaiaca.

- Filho da...

Mas a dor era por demais. A primeira pontada, o jagunço sentiu-a na altura dos rins; a outra, no encontro, e tão fininha e tão funda que lhe bambearam as pernas. E a ferroadada de fogo não se firmava em lugar nenhum, furando e saindo, emergindo e mergulhando... Filipão via-se de bruços debaixo de desembestada agulha de máquina a costurar-lhe o corpo inteiro. Cinco, dez, cem vezes o bracinho franzino de Xixi Piriá ergueu e abaixou a chave e meia de lâmina de puro aço, que se enterrava até ao cabo – pica-pau dos infernos a esfuracar o tronco da carne ruim do jagunço Filipão (PALMÉRIO, 1983, p. 315-316).

A estrutura narrativa apresenta detalhes sem ser detalhista o que empresta ao enredo a conjunção coerente dos elementos construtivos da trama como a temática da amizade, da emoção, das imposições, da tensão e da violência. Notam-se os conhecimentos do autor a respeito da natureza da região, do universo rural e sertanejo. Revela saberes e capacidade técnicas, com relação às palavras características da região rural, às personagens estabelecidas e aos assuntos tratados, promovendo a interpenetração da realidade na ficção.

Embora a obra apresente claramente a denúncia política é possível verificar também aspectos do Brasil como um todo, revelando as mais terríveis possibilidades, acordos e tramas em torno da política, envolvendo dinheiro, trabalho, experiência, ambição, esperteza e audácia, como se observa na citação abaixo:

João Soares estava com a razão: política só se ganha com muito dinheiro. A começar pelo alistamento, que é trabalhoso e caro; tem-se de ir atrás de eleitor por eleitor, convencê-los a se alistarem, e ensinar tudo, até a copiar o requerimento. Cabo de enxada engrossa as mãos – e o sedenho das rédeas, o laço de couro cru, machado e foice também. Caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e nos currais (PALMÉRIO, 1983, p. 68-69).

É possível identificar ainda que Palmério narrava suas experiências do passado, vivenciadas como cidadão criado no interior mineiro e como político - foi eleito deputado federal em 1950, sendo seu romance publicado seis anos depois. A qualidade e a trajetória da narrativa valorizam-se pela multiplicidade da “[...] autenticidade no uso do vocabulário sertanejo, o cuidado na descrição geográfica e a intimidade com o cotidiano do homem interiorano [...]” (FONSECA, 2012, p. 11).

É interessante destacar que todos os momentos transcorridos na obra, aliados aos elementos que caracterizam a constituição do romance, são apresentados de forma bem delineada e seus personagens inseridos em uma sociedade específica. Vinculados às múltiplas passagens, desenvolvem sua liberdade de escolha em um campo de possibilidades da dinâmica social. As vidas na política rural, que convivem com a fauna, a lavoura, a geografia e as ocupações da região, apresentam especial importância no meio em que estão inseridos, a começar pela apresentação do primeiro personagem, o Xixi Piriá.

Em certo momento da narrativa, ele está andando por uma estrada, solitário, debaixo do sol forte e apressado, pois tem encomendas e recados para entregar, como revela o trecho, Palmério (1983) “Lá vem ele. E ganjento, pilantra: roupinha de brim amarelo, vincado a ferro; chapéu tombado de banda, lenço e caneta no bolsinho do jaquetão abotoado; relógio-de-pulso, pegador de monograma na gravata chumbadinha de vermelho[...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 13).

O personagem é um andarilho que vende suas quinquilharias, perfumes, joias e utensílios de pequeno porte pelas fazendas da região do sertão mineiro. Como notas do trecho da obra, Palmério (1983, p. 17): “O mascate não podia afrouxar a marcha: todo o sertão tinha encontro marcado com ele”. Ele conta com a estima e respeito de todos, sendo muito bem recebido pelas fazendas da região, onde tem sempre uma cama preparada para seu descanso. Conforme abordado anteriormente, Xixi Piriá surge no começo da obra, poucas vezes no desenvolvimento da narrativa e novamente no final do romance como um herói ou ator principal.

Com uma escrita coerente, o autor apresenta o caixeiro viajante como ligação entre a cidade e o meio rural. A partir dele o sertão se movimenta e transita das casas dos coronéis abastados até os casebres das vítimas dos jogos de interesse. Simbolizando a mineiridade, por vivenciar desde as tramas políticas até as carências afetivas, geradas na violência moral e física, o mascate se faz chave de leitura e de interpretação da trama romanesca.

4.2 OS PROCESSOS TRANSCULTURAIS NO FAZER LITERÁRIO NA OBRA *VILA DOS CONFINS*

Segundo Palmério (1983) o romance em análise apresenta um mecanismo de denúncia política que retrata a história de um lugarejo perdido no sertão mineiro. Trata-se de uma obra cativante pelas relevantes propriedades regionais do interior de Minas Gerais, no período dos poderosos fazendeiros, os coronéis controladores do sertão, como o escritor deixa registrado na orelha do livro. “E foi nesse ano que lançou seu primeiro livro – **Vila dos Confins** - obra que nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance, segundo relatos do próprio autor [...]” como registros em Palmério (1983) na quarta capa do romance.

O escritor conhecia bem a região rural e era encantado pelo sertão do estado, sobretudo pela região do Triângulo Mineiro e pelo noroeste de Minas Gerais, onde viveu, trabalhou e fez política. Por isso, foi capaz de reconstruir e resgatar, por meio da ficção, preciosos momentos de suas lembranças marcantes de um passado.

Palmério narra com competência e conhecimento, em um falar habilmente controlado, sem modificações ou excessos que caracterizam a linguagem matuta, uma vez que o romance foi escrito em suas origens e a partir de um relatório oficial, como ilustra Fonseca (2012, p. 11) “Em paralelo à exuberância impressionista na descrição do sertão, o autor se dedicou a relatar as mais surpreendentes lutas e conspirações políticas que ocorriam em currais do interior”. Para além da geografia humana e espacial, o autor conhecia a fauna e flora da região, sabia quais animais poderiam ser caçados e quais árvores seriam mais apropriadas para a construção de cercas, por exemplo:

E é mundão largo de não acabar mais. Terra boa mesmo, coisa escassa: mancha ou outra de massapé roxo, de primeiríssima, como as invernadas do Batista, as furnas da família Belo (hoje, grande parte nas mãos de um paulista afazendado ali) e a mataria das vertentes da Serra do Fundão. E afora as baixadas de terra preta do pessoal dos Correias – gente especial, a Correiamã – e ralos borrifos de capões de mato, o restinho de cultura são apenas as estreitas tiras de capoeirão que beiradeiam as águas. Matas beira-rio: justafluviais, define-as com propriedade o culto Pe. Sommer. Pouco mato e, por isso mesmo, madeira pouca. Nos Confins – claro que à exceção das zonas de cultura de primeira – o pau de lei é vasqueiro. Um isto que mal-mal dá para o gasto: canela, ipê (primos-irmãos, os dois: o ipê-roxo e o ipê-amarelo), a sucupira e o cedro. E a aroeira, que, apesar do madeirão respeitado que é, não padroniza, a rigor, cultura de primeira qualidade (PALMÉRIO, 1983, p. 7-8).

O sertão oferecia variações de lazer aos amantes da pescaria e das caçadas, graças à abundância de animais para caça, enumerados em uma longa lista que contempla, também, os representantes da natureza selvagem, como as onças, as

sucuris e os jacarés. O narrador chega a convocar o leitor para se dedicar a atividades na natureza como no texto Palmério (1983, p. 11): “ O companheiro mais indicado, prático em tudo o que é ponto de ceva, corredeira e rebojo, chama-se Gerôncio dos Santos, preto ainda novo e risão, especialidade de sujeito”. Para as caçadas, padre Sommer e Antero Ferreira são os personagens especialistas, como nos registros da obra Palmério (1983, p. 10): “Na Vila há bons especialistas no gênero. De todos Pe. Sommer é o rei. Na falta dele pode chamar o Antero Ferreira, caboclinho falante e politiqueiro, mas uma joia de rapaz”.

Em **Vila dos Confins** o narrador registrou a intensa amizade nascida entre o deputado, o padre Sommer e demais companheiros da região sertaneja, povo simples e pacato. “O padre e o deputado se abraçaram – amigos de fato, os dois, apesar dos raros encontros. Amizade nascida à primeira vista e firmada por muita coisa em comum – principalmente o gosto pela vida do sertão” (PALMÉRIO, 1983, p. 80).

O tema preponderante do romance **Vila dos Confins** é a história do homem do sertão, que enfrenta as mais terríveis dificuldades para sobreviver em um ambiente angustiante e agressivo. O personagem, representado pelo caixeiro viajante, Xixi Piriá, é um humilde mascate da roça que serve como carregador de recados. Como aponta o texto de Palmério (1983, p. 111): “Xixi Piriá voltou a noitinha, já na hora do jantar. Trazia novidades”. Homem de estatura acanhada e pacífico, é destinado a conviver com toda a sorte de perigos, ameaçado pela falta de recursos das mais variadas ordens e pelo desamparo dos governantes. Com um caminho cheio de adversidades, não se deixa abalar e crescer nos momentos de tensão, lutando com força e coragem para vencer os maiores oponentes.

Embora Xixi Piriá seja personagem de destaque do livro, o principal é Paulo Santos, um deputado que retorna ao sertão mineiro como amigo e político dos amantes da pescaria. Quando chega ao local, percorre todo o lugarejo motivado pelo prazer e pelo fazer da política. Sua viagem para a região aconteceu porque precisava explorar o sertão para torná-lo seu reduto eleitoral, além de tentar libertar os amigos da tirania do coronel Chico Belo. Conforme o texto de Palmério (1983, p. 53): “A segunda vez, Paulo voltou ao lugarejo candidato a deputado federal. Palpite que lhe dera: rever aquela meia-dúzia de amigos que deixara na Vila, tentar fundar o diretório da União Cívica e arrancar ali pelo menos os seus oitenta, os seus cem votos [...]”.

Após conhecer a localidade e se misturar com os moradores, Paulo organizou uma reunião para que pudessem escolher os candidatos. Para prefeito, ele já tinha uma proposta, João Soares, importante fazendeiro da região, porém não tinha, ainda, candidatos a vereador e a vice-prefeito. A fim de conseguir os nomes para a eleição, marcou um encontro que durou um dia todo. Paulo considerava essencial que fossem tomadas medidas políticas, uma vez que poderiam ocorrer vários problemas se o município continuasse sob domínio dos Belos. Além disso, alertou aos envolvidos acerca dos prejuízos para os fazendeiros que não faziam parte das relações do coronel e das vantagens de João Soares na prefeitura da cidade.

Ao entardecer, o deputado Paulo Santos abandona a reunião e sai à procura do balseiro Gerônimo, um amigo de pescaria, afim de se distrair. Juntos, desceram o largo rio Urucanã, na canoa do balseiro, que á conduziu para o **rebojo** poço profundo, que se encontra na curva do rio, à procura dos grandes surubins, que, segundo o narrador, gostam daquelas densas águas, como nos registros a seguir:

[...] Ando com saudade mas é de uma ferrada de surubim. Vamos logo, senão passa a hora.

Vida engraçada! Ali estava ele descendo outra vez o rio Urucanã, rumo à peroba-rosa. A primeira vez – dois, três?... não: quatro, quatro anos e tanto, já... – viera com o Rufino, no canoão de cedro, a força do motor de popa botando Gerônimo de boca aberta.

- Você se lembra, Gerônimo, daquela nossa primeira pescaria de surubim lá no rebojo?

- Gozado, doutor: estava pensando justinho nisso... já tem bem uns cinco anos! E o Seu Rufino? Nunca mais apareceu [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 33).

Paulo encontrou distração ao lado do balseiro e lembranças de sua primeira vez na região vieram à tona. Foi em uma pescaria organizada por amigos que conheceu no lugarejo e formou amizades. Por isso, interessou-se em fundar o diretório do partido unionista na região sertaneja.

Paulo notava que o sertão estava mudando, mas, na verdade, o que acontecia era que aquela experiência que havia feito antes enquanto se divertia com os amigos, não se repetia. Naquele momento, ele tinha propósitos, já que se encontrava na região a trabalho. No entanto, percebe-se, também, um certo descontentamento pela política, já que a atividade havia tirado dele a disposição acomodada de turista que apreciava o Sertão dos Confins.

O encontro entre o deputado e o balseiro se estendeu pela noite, entre conversas e bebidas, como nesse texto da obra de Palmério (1983, p. 42): “Tontura

gostosa dava a pinga forte do Gerôncio. E o silêncio, o balançar maneiro do rebojo, o fresco da chuvinha manhosa, a escuridão do rio [...]”. Com as distrações, o tempo foi passando, entre a chuva fina, e o frio, naquele agradável e inesquecível momento entre os dois amigos, como menciona o texto:

Bata o remo Gerôncio, bata o remo! – Paulo mandou impaciente. – Se a gente passar das sete, bau-bau... Hora de surubim grande é no começo da noite; depois, só dá moleque... - Estamos perto Dr. Paulo... ixe, olhe as matrinxãs: vigie a abrigão de água que estão aprontando! Isso é figo que rodou no enxorro... Noitão, hoje – ainda mais com essa chuvinha maneira, sem vento [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 34).

Além da conversa, das lembranças e das bebidas, o deputado pôde aproveitar a experiência e pescar, conforme o trecho extraído da narrativa: “Mas o Gerôncio não largava. Conhecia o tamanho daqueles surubins do rebojo e, pelo tinido da linha, adivinhava o animal que Dr. Paulo havia ferrado” (PALMÉRIO, 1983, p. 43). Após a pescaria, eles seguiram para a casa do balseiro, onde Gerôncio pediu para sua esposa Rosa, fazer um café bem forte, a fim de tirar a friagem do corpo. Gerôncio dava ordens para a filha, que coasse um café forte, com bastante pó e pouca rapadura.

A empreitada do deputado Paulo seria grande e começaria pelo interior da região, tendo como primeiro destino o vilarejo do Carrapato, onde ele contraiu malária e, por isso, se abrigar-se na casa do Nenzinho. Como os registros na obra de Palmério (1983, p. 67): “Gente boa, Nenzinho e Alzira: carregaram-no para a cama de casal, deitaram-no, forraram-lhe a cabeça com os travesseiros deles”.

Neste momento surge o personagem Seu Sebastião, dono da fazenda Boi Solto, que socorreu o deputado Paulo, ao perceber que sua situação exigia atenção e maior comodidade para a recuperação, contando, para isso, com o auxílio de sua filha Maria da Penha. Como explica o texto de Palmério (1983, p. 74): “- Quem está conversando é a Da. Penha. Ela e o pai estão querendo que o senhor vá ficar com eles no Boi Solto. Casa grande, espaçosa [...]”.

A aproximação entre o deputado e Maria da Penha se dá aos poucos e, certa noite, aproveitam que estão sozinhos para se encontrarem. Porém, um mugido agonizante de um boi que estava sendo atacado por uma cobra sucuri foi ouvido na fazenda, acordando todos os seus moradores, adiando, mais uma vez, um momento a sós entre os dois.

A narrativa é conduzida para uma história que está além da história das eleições na região, o que possibilita aos leitores conhecer um pouco mais do cotidiano do sertão de Minas. Nesse momento, o narrador começa a levantar dúvidas em seu público sobre o verdadeiro interesse do deputado com as eleições, sobretudo se ele buscava apoiar o desenvolvimento da região ou apenas expandir seu reduto eleitoral.

Já citado anteriormente, padre Sommer é o personagem estrangeiro da obra, pároco do lugarejo, descrito como um alemão de boa saúde, apreciador das caçadas e da pescaria, exímio contador de histórias, tornando-se voz das narrativas regionais, uma vez que em sua voz o autor traz a história da caça da onça-preta e outras proezas, contadas com riqueza de detalhes. Ele também destaca-se como um herói ao salvar as vidas do filho de balseiro e do tio Aurélio, quando a balsa em que eles estavam tragicamente afunda no grande rio Urucanã.

Padre Sommer vai até a fazenda de Seu Sebastião para encontrar o amigo e deputado doente. Nesse trecho da obra, mais características do pároco são apresentadas ao leitor, como seu hábito de abandonar a Vila dos Confins todo ano no período da seca para percorrer o sertão, supostamente para realizar visitas ao povo, mas provavelmente, em busca de aventuras e de bons lugares para caçar.

Juntamente com sua equipe, Paulo dava início ao trabalho proposto, começando a dar vida à sua base política no sertão dos confins, organizando o diretório dos Unionistas de Vila dos Confins. Como ele já tinha o nome para prefeito, convidou o fazendeiro Seu Sebastião para ser candidato a vice-prefeito.

Paulo soube, pelo mascate, que havia garimpeiros próximos da fazenda do Boi Solto e decidiu ir visitá-los e até convidar o líder do garimpo para disputar um cargo de vereador. Com isso, poderia conquistar os votos dos outros garimpeiros. Já no local, Paulo se lembra do presente que comprou no Rio para o Amigo padre, mas resolve dá-lo para Xixi Piriá, como revela o texto:

[...] E a viagem ao garimpo do Raimundão? Mais uns trinta e tantos eleitores garantidos, agora... E Xixi Piriá quase brigara na hora em que Paulo quis pagar o remédio. Não houve jeito de aceitar nada!

O deputado lembrou-se de repente:

- Pegue a minha pasta na caminhoneta, tio Aurélio. Quase que me esqueço da lembrancinha ao Xixi...

Uma beleza, o punhal de cabo de prata que Paulo comprara no Rio, pensando em dá-lo ao Pe. Sommer. Mas o alemão já ganhara a pistola 45...

Tirou a arma do estojo e entregou-a ao Xixi Piriá:

Você anda desarmado por esses cafundós, Xixi. Bote o punhal na cintura e não o tire mais. É um presente do amigo...

Humilde mesmo, o Xixi Piriá:

- Isto não é presente para mim, Dr. Paulo! O senhor está brincando... Isto não é arma, é jóia de muito preço. Não mereço, não, de jeito nenhum...

Mais avexado ficou o mascate quando prendeu a bainha no cinto. E ganhou um abraço demorado de Paulo (PALMÉRIO, 1983, p. 141).

A eleição municipal ganha ritmo e força, envolvendo todo sertão. Os dois partidos trabalham forte, usando todas as possibilidades para tirarem proveito. Coronel Chico Belo, experiente em conduzir situações, maneja bem seu status e poder. Enquanto isso, o deputado, com pouco recursos, trabalhava duro, percorrendo de sol a sol todos os cantos do sertão dos confins, tentando conquistar a simpatia do povo e ganhar mais votos. Integrantes do partido do Coronel Chico Belo, União Cívica, a fim de obter mais forças para ganhar as eleições que se aproximavam e o apoio político do governo estadual, dirigem-se para a capital, de onde levam auxílio e força policial, além de um especialista em fraudes eleitorais, o cabo Pereirinha.

O personagem Pereirinha, autoridade militar, tem importante papel dentro da trama política do novo município, pela sua experiência em detectar fraudes eleitorais, a ponto de o próprio narrador afirmar que ele vinha do tempo dos mandos e desmandos dos coronéis, em que se empregava a fraude do bico-de-pena e das atas falsas. Conforme consta na obra **Coronelismo, enxada e voto** (1986) a fraude do bico de pena, bastante utilizada em eleições no interior do país, durante a primeira república (1889-1930), era praticada pelas mesas eleitorais com função de junta apuradora. Como ilustra Leal (1986, p. 111) “Os votos eram apurados pela própria mesa paroquial, que expedia os diplomas nos municípios que tivessem uma só paróquia”.

No romance **Vila dos Confins**, o escritor mineiro modifica o **voto de cabresto** pelo **voto de marmita** e apresenta com detalhes as formas empregadas no processo da apuração dos votos. Nas ilustrações da obra o personagem Pereirinha explica ao deputado Paulo Santos, depois de esse expressar sua confiança na lisura do processo de apuração:

– Ovo de Colombo, deputado! A coisa mais fácil do mundo. Por exemplo: o senhor quer descobrir em quem votou fulano, empregado seu, pessoa que lhe deve obediência. Basta entregar-lhe a marmita com a cédula de um deputado qualquer, nome desconhecido. Na apuração, aparece o envelope com aquele voto; se não aparecer... Ou senão, nestas eleições municipais,

onde não se vai votar em deputados, o senhor prepara a marmitta colocando, por exemplo, duas cédulas iguais para prefeito, três iguais para vice, quatro iguais para juiz de paz... O senhor pode fazer tantas combinações quantos forem os eleitores cujos votos há interesse em descobrir. Na apuração, aparece o truque. E não se perde um voto, que cédulas iguais não o inutilizam... Sigilo! Voto secreto! ... Bobagens, Dr. Paulo, bobagens [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 250).

A narrativa fica intensa nesse momento do livro, uma vez que o sertão dos confins esquenta com toda movimentação política com o trabalho árduo dos dois partidos. O deputado Paulo percorre com sua comitiva todo o sertão em busca do voto do sertanejo, enquanto o coronel Chico Belo, sem perder tempo, motiva o capitão militar que intime o Dr. Paulo a comparecer na delegacia de polícia.

Ao perceber o envolvimento do militar e as manobras de Chico Belo para prejudicá-lo, o deputado busca uma maneira de agir e revidar. Enquanto organizava planos para combater seus adversários, recebe um recado de um policial. Conforme em Palmério (1983, p. 219). “- O senhor é o Dr. Paulo Santos? – perguntou alto o sargento Dioclécio. - Sim senhor. Que deseja? - Capitão Otávio mandou dizer para o senhor dar uma chegadinha até a Delegacia... Num átimo, Paulo percebeu o desacato”. Ao flagrante desrespeitoso de subversão à ordem, o deputado Paulo reage à altura, demonstrando sua fúria enérgica como parlamentar. Conforme o texto:

Sargento e cabo esperavam pela resposta. Paulo deu-a, disposto a tudo:
 - Olhe aqui, sargento: diga lá ao seu capitão que não se meta a besta comigo. Não sou empregado dele nem recebo ordens de polícia. E vão dando meia-volta os dois, depressa, que estou de pouca prosa hoje. Ande! Nada como uns bons berros, em certas horas. A indecisão dos dois soldados dava mais força a Paulo, que gritava, agora, para que toda a rua ouvisse:
 - cambada! Venha aquele cachorro aqui, se for homem! O que vocês sabem é armar tocaia de noite!
 E filho disso, filho daquilo [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 220).

Esses acontecimentos elevaram ainda mais os ânimos de todos os que estavam na venda do Jorge Turco, que ficou como um barril de pólvora, em condições apropriadas para batalhas. Padre Sommer, quando chegou à venda, foi logo indagado pelo deputado. Como acrescenta Palmério (1983, p. 221): “- Ué, seu padre! Veio me intimar também? – Não, doutor. Vim ficar aqui na venda, até que vocês todos criem juízo. Você e essa gente braba da Vila dos Confins”. O padre, como estrangeiro e alheio às disputas, é o único que ainda se mantinha tranquilo,

tentando acalmar os dois lados e buscando a conciliação entre todos. Procurava encontrar uma saída para superar a crise, mas eram poucos os recursos a seu alcance, além de ninguém lhe dar ouvido ou aceitar seus conselhos, pois a tensão era forte.

O momento era delicado, ninguém cedia ou recuava um passo sequer, todos queriam mostrar mais força, derrotando seu oponente e vencendo as eleições, sem pensar nas perigosas consequências da disputa. O extremismo das partes levou o deputado Paulo a armar uma trama trágica para tirar algum tipo de proveito e mudar os rumos da política. À noite, quando maior é a ansiedade, a situação se tornava cada vez mais crítica e Paulo colocou em prática seu plano. Decidiu viajar para Santa Rita, acompanhado apenas do tio Aurélio, para exigir providências do juiz de direito. Tudo, entretanto, não passava de um plano formulado por ele, em uma jogada de alto risco para tentar mudar o jogo da política, como pode-se constatar a seguir:

Seriam mais ou menos dez horas quando Paulo e Aurélio chegaram à boca do mato.

- Vá prestando atenção aos barrancos, tio. Olhe do seu lado, que eu olho do meu – Paulo recomendava.

A caminhoneta entrara no mato devagar, faróis clareando o túnel da densa e alta ramaria.

- Não temos de escolher muito, não. O mato é pequeno e não podemos voltar, por causa dos rastros. Precisamos aproveitar o trecho mais fácil do barranco. Olhe, olhe ali, no começo da curva: parece ser o melhor ponto.

Paulo freou a caminhoneta, deixando o motor ligado e os faróis acesos. Abriu a porta, espiando cuidadosamente para os lados. Decidiu:

- Vai ser aqui mesmo, tio Aurélio. Passe as botinas de mateiro... Noite mais escura assim é difícil!

Aurélio abriu o saco de linhagem e retirou o par de botinas de elástico, novas, três números no mínimo acima da média do calçado de Paulo. O sobrinho tirou os sapatos, calçando os canoões enormes.

- Agora, o facão. Depressa.

Paulo, sem descer para o chão da estrada, usando apenas o estribo da caminhoneta, subiu para a carroceria; dali, saltou para o barranco oposto – o do lado de Aurélio – e meteu-se no mato. Não precisou escolher muito para achar árvore conveniente: fina, crescida a menos de dez metro do leito da estrada. Nem chegou a dar dúzia completa de golpes com o facão, e a arvorezinha caiu sem desprender-se inteiramente do tronco. Perfeito: a ramagem tomou conta do caminho, que o pau era esgalhado, copudo, e vinha vestido do folhoso cipó-de-são-joão.

Faltava preparar o malhadouro do jagunço. Paulo achou – fácil também – o pé de jatobá, a poucos passos de distância. E começou a pisar a folhagem rasteira, quebrando ramos e galhos baixos. Nos bolsos trouxe pedacinhos de palha desfiada e cortada, e de meia-dúzia de tocos fumados de cigarro. Atirou-os a esmo nas proximidades. Deixou cair, também, pequeninos torrões de rapadura. Ótima! Estivera mesmo gente ali, tocaiada, comendo rapadura e fumando (PALMÉRIO, 1983, p. 227-228).

Tio e Sobrinho sozinhos, no silêncio da mata do Corrente, simularam um atentado, baleando a própria caminhonete, para que as suspeitas recaíssem sobre Filipão, capanga predileto de seu adversário Chico Belo. Tudo deveria ser feito com muita perfeição e, por isso, Paulo foi preciso com os tiros para que ninguém desconfiasse da armação, como indica o trecho em Palmério (1983, p. 230): “[...] Tão perfeitos os tiros que Aurélio não pode evitar o comentário: - Puxa! Por um tiquinho que não pegam a gente!”. Chegando à cidade de Santa Rita, pertencente ao distrito de Vila dos Confins, Paulo contou a história da emboscada para o povo, o que foi confirmado por Aurélio. Assim, todos se uniram ao deputado e contra o suposto mandante do crime. Diante da gravidade da situação, o juiz de direito da cidade, Dr. Braga, decidiu assumir pessoalmente o comando da eleição em Vila dos Confins, tomando todas as providências a fim de garantir a tranquilidade e a idoneidade da eleição. Paulo esperava com isso, afastar as pessoas suspeitas de envolvimento, desarmando o esquema montado pelo adversário.

O juiz de direito providenciou para o dia da eleição que os mesários fossem da cidade Santa Rita, pessoas de sua confiança, fazendo cumprir a lei prevista com rigor, enquanto solicitava a força militar da Aeronáutica para controlar as propagandas dos partidos, impedindo, assim, a quebra da ordem e os tumultos. Dessa forma, a eleição em Vila dos Confins, se deu de forma tranquila, em ritmo de festa, com a população vestindo trajes de domingo e chegando às urnas em conduções dos partidos e com os respectivos cabos eleitorais, que, treinados, controlavam e orientavam o procedimento de cada eleitor.

Depois da armação da tocaia, o deputado procurou manter-se mais confiante diante dos correligionários, falando com esperança da vitória. Ele acreditava nas medidas implantadas pelo juiz e na severa fiscalização dos partidos. O pleito transcorria normalmente, sem nenhuma alteração da ordem.

O inimigo, porém, não agiu com astúcia e, em silêncio, refez os caminhos que o deputado Paulo havia feito, indo de casa em casa para oferecer condução, comida e dinheiro para todos os eleitores. Enquanto isso, no diretório dos Unionistas, Paulo se espantava com as informações trazidas por seu Nelson sobre os estragos ocorridos em territórios de sua influência, nos quais muitos eleitores haviam sido comprados pelas fortes atuações do experiente coronel Chico Belo, como pode-se evidenciar no trecho extraído da obra:

- Quer dizer que eles não podem cometer nenhuma fraude?

Pereirinha sabia onde tinha o nariz, e respondeu de pronto: - Dessas comuns, não senhor. Meu medo é o dinheiro. Soube que o Chico Belo pôs gente a correr o município, comprando título. E a ordem é pagar até quinhentos por cabeça...

- Ah! Então o senhor já soube? No Brejal, o Venâncio me disse que fizeram estrago...

- Soube, sim, doutor. E disso não há quem escape. Nada segura. Esta lei é uma beleza: quem pode comprar títulos inutiliza os que não podem. O sigilo também não existe. Aposto como o Osmírio mandou distribuir marmitas preparadas para o pessoal dele. Fui eu que descobri esse golpe, na última eleição (PALMÉRIO, 1983, p. 249).

Após as eleições e sem os movimentos políticos, a Vila dos Confins voltou à sua normalidade. Conforme Palmério (1983, p. 299): “Passara o fogo do pleito: a Vila voltava à vidinha sossegada de povoado sertanejo: uma ou outra velha na janela, dois animais arreados, apenas dois, a cochilar debaixo da umbela crescida na esquina do Armazém Carrilho [...]”. Seguiu a vida como de costume, sem a presença de todos os envolvidos e das forças federais que, logo que concluiu sua tarefa, voltou para a capital. A cidade de Santa Rita passou a ser o centro das atenções, já que nela as urnas seriam apuradas.

O deputado Paulo Santos, com a consciência aliviada pelo dever cumprido, aproveitava para descansar e se recuperar do desgaste. Junto com o amigo Padre Sommer caminhava em direção do rio Urucanã, onde iriam pescar. O deputado aproveitava o momento e contou para o padre toda a verdade sobre a tocaia ocorrida na mata do Corrente. Procurava se justificar ao padre. Como no texto Palmério (1983, p. 281): “Se não houvesse motivo sério, você acha que o Dr. Braga iria requerer força federal? Acha que eu teria mobilizado a Assembleia e a Câmara, e interessado o próprio Presidente da República?”. Padre Sommer repreendeu as ações de Paulo e o julgou tão falso e mentiroso quanto o próprio coronel Chico Belo.

Após a pescaria, os amigos seguiram para a casa paroquial e o padre o proibiu de falar sobre política, aconselhando-o a discutir a respeito de outros assuntos. Paulo estava cansado, precisando descansar, pois no dia seguinte tinha um encontro marcado com Maria da Penha, como revela o texto:

Haviam combinado tudo, naquela prodigiosa rapidez com que Maria da Penha falava, aproveitando-se de um descuido qualquer. Fora na cozinha de Da. Isaura – “tão sem-seca, o doutor, tão simples...” - que a viúva lhe dissera: “- Papai vai ver um gado amanhã cedo na fazenda do Seu Bento. Vai pousar lá... Você pode vir, a tia mora sozinha... entre pela Porteirinha do fundo do quintal... tem perigo não: espero você na janela do quarto,

pegando à escada da cozinha [...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 229, grifo do autor).

A recém emancipada cidade do sertão mineiro, Vila dos Confins, aguardava ansiosa pelo resultado da eleição para conhecer seu primeiro prefeito. O resultado viria de Santa Rita e só seria conhecido à noite. Padre Sommer, Nequinha e Aurélio embarcaram na balsa do Gerôncio, que estava carregada com o gado de Nequinha e com os peões e suas bagagens, para atravessarem o grande rio Urucanã. Ritinha, filha de Gerôncio, estava elegante de vestido novo para atravessar o rio na barca do pai. O menino Totonho, filho do balseiro, soltou as cordas e seguiu para seu cantinho no canoão. O rio largo estava cheio pelas chuvas que caíram na região, com águas turvas e rápidas.

O experiente balseiro manejava a embarcação com certa tranquilidade, a travessia transcorria normalmente até a metade do rio, onde “[...] a correnteza aumentava mesmo, que o rio cantava grosso [...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 306). O rio corria forte e rápido quando foram ouvidos barulhos do pessoal que voltava de Santa Rita, soltando fogos e comemorando a vitória nas eleições realizada em Vila dos Confins.

Os foguetes, cada vez mais numerosos, estouravam e assustavam o gado na embarcação, que, furiosos, se agitavam na balsa, provocando pânico em todos. Foi então que, de repente, as amarras da embarcação se soltaram e as proteções laterais da balsa se quebraram com todo o movimento e peso concentrado em um único lado, o que fez a embarcação empinar, provocando um grave acidente. Tanto o gado quanto as pessoas que nela estavam caíram nas águas fortes do rio Urucanã.

Ritinha foi brutalmente arrastada pelos chifres do novilho zebu de Nequinha e ambos caíram nas águas bravas, espumadas e barrentas do Urucanã, em uma cena descrita de forma dramática. Conforme Palmério (1983): “O zebu, cabeça aos safanões, tentando libertar-se do corpo de Ritinha [...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 308). Eles foram impetuosamente consumidos pelas piranhas do rio. Outros que caíram nas águas turvas do Urucanã foram o menino Totonho e Seu Aurélio, tio de Paulo. Esses, porém, tiveram melhor sorte, sendo salvos heroicamente pelo Padre Sommer. Como revela o texto Palmério (1983, p. 313): “Quase morrera o santo padre, mas salvara o Totonho, e ainda nadara até ao meio do rio para recolher o Seu Aurélio carregado pela braveza da cheia... Bondade de pessoa! [...]”. O fim para o deputado Paulo, então, foi muito triste, pois, além de ver aquele horror e

testemunhar a tragédia ocorrida com seus amigos, também foi derrotado em sua primeira eleição para prefeito no Sertão dos Confins.

Pode-se identificar nesta obra a preocupação do escritor com a política praticada no interior e a inclusão dos menos favorecidos, esquecidos e marginalizados pelos sistemas que nutrem o descaso e a indiferença nos meios rurais.

A forma de grafar os acontecimentos no sertão mineiro o apresentam como próprio do homem rural. Cumpre-se em **Vila dos Confins** a função transculturadora em uma narrativa que apresenta a inclusão de vozes de classes e fronteiras nacionais.

5 A REPRESENTATIVIDADE DE XIXI PIRIÁ NA TRAMA ROMANESCA

Como se para atribuir confiabilidade à história que será contada, Xixi Piriá aparece no primeiro capítulo do livro. No decorrer da narrativa, nota-se que os assuntos tratados são abordados de forma a apresentar uma denúncia política.

Figura popular, o personagem confia em todos, transitando livremente entre a cidade e as fazendas da região. Dessa forma, estendia seus laços de amizade ao dialogar com as pessoas, tornando-se um intermediador entre as diferenças culturais. Conforme dito anteriormente, carregava, bilhetes carinhosos e cartas. Essas ações levavam o andarilho mascate a transgredir o autoritarismo dos dominante do sertão, superando o silêncio imposto pelo jugo do coronelismo em suas múltiplas facetas, como bem ilustra o trecho a seguir de Palmério (1983, p. 17): “Corra, Xixi Piriá! Depressa, que a mãe do Betico está morre-não-morre de tanta aflição. Só você é quem pode salvá-la, que em você todo o mundo acredita, que mentira sua boca não diz”.

O mascate transitará pelo sertão ao longo de toda a história, mas sem a vivacidade de protagonista, sem levar consigo qualquer tipo de responsabilidade ou de emoção, agindo apenas como auxiliar e amigo do deputado Paulo Santos e de outras pessoas que precisam de seus favores ou de suas quinquilharias como pode-se observar no trecho da obra:

Coitada da Da. Ermesinda! O Betico, tão moço, e já criminoso fugido: caçado, rastreado, acuado que nem bicho-fera... E o boato era que ele já estava cercado, ferido, sem mais salvação. Boato só, exagero: “- Olhe, Xixi, fale com a mãe que não se cuide. Aqui neste oco de mundo, ninguém me acha, não. Desta vez, escapei [...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 17, grifo do autor).

Com atuação restrita como simples colaborador, um anti-herói, com suas fraquezas e deficiências, jamais foi reconhecido como um homem de verdade, como se pode observar na seguinte passagem da obra de Palmério (1983, p. 310): “E Xixi Piriá, descansando do estirão sem fôlego desde o Boi Solto, quase escondido no canto escuro da venda – boneco de pessoa pendurado na tábua do banco, os pés balançando-se a mais de palmo do chão. Miudeza de dar pena [...]”. O personagem é descrito de maneira peculiar, sendo um homem que no sentido de macho não bebe, não tem mulher, nem namorada, nem amante, nem vícios, não gosta de

pesca, de caçar ou de cavalgar, estando seus interesses voltados para seu trabalho de mascate e assuntos femininos, como modas, aviamentos e presentes.

Nota-se que também não corrobora com a política de mandos e desmandos da região, uma vez que não obedece aos poderosos. Há uma passagem representativa, em que, ao fazer uma pausa da venda do Fiico, Xixi Piriá depara-se com Filipão, eufórico com o resultado das eleições, mandando servir uma rodada de cachaça em copos grandes a todos para comemorar a vitória de seu patrão Chico Belo. Como ilustra a passagem de Palmério (1983, p. 311): “- Desce a pinga, Seu Fiico. Rodada geral por conta da minha volta. E em copo graúdo por conta da nossa política. Anda moçada, vamos festejar a vitória!”.

Todos no local obedecem à ordem do jagunço e tomam a aguardente, exceto Xixi Piriá, que se recusa, alegando problemas de saúde. Autoritário, o jagunço não aceita as desculpas, e logo dá ordens para que o mascate pegue seu copo cheio de cachaça e tome. Conforme texto a baixo:

- Isso vão bebendo, negrada! – gozava alto o Filipão. – A farra depois vai ser no Boi Solto, Seu Xixi Piriá! Vou dar uma sova no velho, e daqui a pouco estou dormindo gostoso com a cadelinha da tua Maria da Penha... Sei que tu é apaixonado por ela, mas ela não te liga não. Tu vai ficar por aqui mesmo, caído no porre, vomitando pinga, seu bostinha de cachorro [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 315).

A princípio Xixi Piriá obedece, porém, inconformado e dominado pelo ódio, revolta-se e atira violentamente o copo contra o jagunço, cegando-o por alguns segundos.

Nesse momento, aproveitando-se da fragilidade de Filipão, Xixi atira-se contra ele, furando-o com um punhal que recebera de presente do deputado Paulo. Assim, teve fim o jagunço mais temido do sertão dos Confins mineiros, pelas mãos pequenas e sardentas daquele que, segundo a narrativa, mal era considerado um homem de verdade.

Com uma atuação inesperada de coragem, Xixi Piriá ganhou significativa importância no final do romance, brilhando como um grande homem, que luta em defesa da honra dos amigos e da dignidade da mulher amada Maria da Penha, por quem nutria um verdadeiro sentimento de amor, guardado no silêncio de seu coração. O crime em legítima defesa da honra, ou, pelo menos, em defesa de seu segredo de amor sobreveio da paixão que carregava escondida no peito. Na noite

chuvosa, o pobre mascate retoma a estrada, embrenhando-se pela mata da caatinga sem rumo, sem alegria, deixando para trás a mala de seus negócios.

Na região do Sertão dos Confins Mineiro, o jagunço Filipão empregado de confiança do coronel Chico Belo, era temido por todos e tinha autoridade para matar quem o patrão determinasse. Como comenta Palmério (1983, p. 282): “Aquilo é bandido da pior espécie. Ele, e o Chico Belo, toda essa corja de assassinos soltos por ai. E o Lupércio? E o Rivalino? Mortos barbaramente, a mando do Chico Belo, e por quê?”.

A história de Filipão se transformou, assim, em uma lenda ou no mito do jagunço do Sertão dos Confins, que acabará pelas mãos de um homem simples, humilde, fraco, indefeso e de pequena estatura, que se encoraja nos momentos difíceis, contando com a ousadia do sentimento do coração para derrotar seu oponente, o temido jagunço Filipão.

A obra revela momentos tensos de coragem, bravura e heroísmo, até mesmo o desprovido de forças físicas e raquítico, pode lutar e vencer o seu maior problema, lutando contra o malfeitor Filipão, homem violento e acostumado a dar ordens e ser obedecido. Em contrapartida Xixi Piriá representa o pobre mascate, sem nenhuma arma de fogo, apenas com a prudência, sua inteligência e o punhalzinho de prata que ganhara de presente de um amigo. Logo, pratica o crime em legítima defesa da honra, e em defesa de seu segredo de amor, da paixão que carregava no silêncio da imaginação oculta.

Desempenha amarga missão, destacando-se, pelo ato de bravura, como um grande homem. Palmério, destaca que, após a morte de Filipão, o mundo perdido da caatinga se transforma em um jardim e o mascate Xixi Piriá, o herói, ganjento e pilantra, se torna conforme Palmério (1983, p. 317): “[...] grande, e corpulento – beleza mesmo de caboclão!”. Seu ato de heroísmo o faz ser reconhecido, invejado e temido pela valentia, coragem força e bravura com que enfrenta seus inimigos no sertão.

Paralelo às mudanças que vão sendo descritas, Xixi Piriá passa a não ter mais o passinho ligeiro, nem a alegria de brincar com a própria sombra, partindo triste e desencantado, deixando para trás a preciosa mala de seu comércio, perdendo-se pela imensidão da noite pelos matagais do sertão, como mostra nessa passagem:

Mas, carregava na alma um peso qualquer. A mesma elegância na roupinha de brim amarelo, vincada a ferro; a mesma chiqueza no lenço do bolsinho do jaquetão, a mesma pilantrice na gravata de pinguinhos vermelhos em fundo amarelo de ipê. E o chapéu tombado de banda... Mas havia tristeza nos olhinhos de quati fincados na cara miúda de porquinho-da-índia.

Lá vai ele...

- bicho foi que mordeu, ô Xixi Piriá? (PALMÉRIO, 1983, p. 310).

O autor de **Vila dos Confins** estruturou a narrativa a partir de conhecimentos que possuía das estradas do sertão mineiro, por onde andou e mantinha intimidade, suas falas o caracterizam como um filho do interior. Como se pode observar nos comentários de Fonseca (2012, p. 257): “Assim, Mário Palmério passou a viajar pela região e articular acordos com os diretórios municipais [...]”.

Conforme discorreremos até aqui, é possível perceber que Palmério, ao montar sua história fictícia, utilizou personagens específicos do meio rural, enquadrados no modelo encontrado nas cidadezinhas da região, como os coronéis, jagunços, fazendeiros, padres e outros que se aproveitam da situação e saem em busca de seus interesses. Além, de utilizar elementos de tradição na região, como forma de proteção, como pode-se observar neste trecho da obra:

Dois anuns agourentos, isto sim, trepados na caveira de boi fincada no moirão alto da porteira. A caveira estava ali para espantar a peste e o mau-olhado; mas aquelas duas assombrações – pretos os olhos, preto o bico, cabeça, asas, pés, tudo preto – inutilizavam o exorcismo. Fiasco de caveira: piavam agora os dois agourentos, como que chamando pela morte, perdidos de saudades dela. Não, anum não era passarinho: assombração mesmo, como os morcegos (PALMÉRIO, 1983, p. 57).

Todas as culturas e sociedades transmitem seus conhecimentos e patrimônios culturais às futuras gerações, seja por meio de suas ações ou ensinamentos aos outros sobre suas credences, como a descrição da caveira de boi que estava fincada no moirão alto da porteira, estava ali para espantar o mau-olhado. Dessa maneira, o condição da cosmovisão permanece diretamente relacionado com a cultura e herança de cada povo, e de cada região.

Sendo assim, compreende-se que a cosmovisão, por ser um plano do processo transculturador que ajusta apegos, importâncias e valores se constitui pelo método mais conservador e resistente a transformações, mediante o tamanho, sua importância e a força que o mito possui com a identificação com seu grupo social, como esclarece Cunha (2007):

Este parece ser o mais valorizado por ele, já que é definido como focal e central, onde se engendrariam os significados. Nesse nível poderiam ser observadas, no seu entender, as melhores respostas dos herdeiros “plásticos” do regionalismo. Afinal é onde se encontrariam os valores, se desenvolveriam as ideologias e, por isso, o nível mais difícil de se render às mudanças homogeneizadoras da modernização (CUNHA, 2007, p. 190).

O deputado Paulo Santos tinha suas ambições em ampliar seu reduto eleitoral, utilizando, para isso, as pequenas regiões do sertão mineiro. De outro lado, o coronel Chico Belo tenta manter sua capacidade de controlador da região, demonstrando força, poder e autoridade sobre esta região. Também o caixeiro viajante Xixi Piriá tinha seus interesses pessoais no lugarejo, por suas vendas pelo sertão afora, pelo sentimento de amor que carregava no peito por Maria da Penha e pelas hospitalidades que encontrava nas fazendas. Dessa forma, o escritor Mário Palmério, desenvolveu e apresentou uma admirável história de amizades, de sonhos, de desejos, de amores de desamores, e interesses buscas de objetivo.

Palmério iniciou um relatório que se desenvolveu em crônica e se transformou no romance **Vila dos Confins**. Essa história de denúncia política faz críticas sociais, registra as ações dos políticos do interior, fala dos personagens com simplicidade e linguagem bem semelhante com riqueza de termos regionais, apresenta admirável cenário rural, rico em ações, onde são registrados os acontecimentos elucidados na obra, além da ironia que é explorada sem agressividade como nessa passagem:

E os Martins-pescadores? Rio cheio, carregado de bichinhos e outras petisqueiras, a peixa miúda e desajuizada... Lá vinha um deles, roupa preta e camisa verde-branco. A um palmo de água espumosa, em vôo rasante, olho vivo, anzol no bico. Um, dois, e... físgou, o ladrão! Piaba nos beiços, lá se foi o almofadinha a ceiar peixe no pé de jenipapo (PALMÉRIO, 1983, p. 306).

O romance revela a primeira eleição para prefeito do recém emancipado município do sertão mineiro, que seguia o ritmo das ordens e julgo dos coronéis que dominavam a região rural. Palmério cria com desenvoltura, inteligência e perfeição uma linda e fantástica história de crítica social e a política do interior, de forma a valorizar a natureza, a amizade, a política, o poder do coronel, a traição e a dor, cada qual em busca de um objetivo.

O cenário rural e sertanejo característicos da obra, que definem a natureza local, foi apresentado como fruto da ação do tempo, e um dos principais espaços onde se desenvolveram a trama romanesca. Nota-se também o quanto o autor

aproveita o espaço para expor as belezas do sertão, em noite de lua cheia, por exemplo, e a subjetividade do personagem envolvido em cada ação, como se pode observar na passagem de Palmério (1983): “O galo velho olhou de novo o céu. Mudou de galho, pesadão, ajudado pelo bico e pelas asas. Custou, mas se ajeitou no outro poleiro mais alto, de visão melhor. Lua crescente Lindeza de pedaço de lua clareando toda a fazenda do Boi solto” (PALMÉRIO, 1983, p. 76).

A respeito do deputado Paulo Santos, a narrativa quase não apresenta informações sobre seu passado e nem descrições físicas. O deputado é mostrado como político sério, ainda jovem e tendo entre uns 30 a 45 anos de idade, com razoável cultura. Provavelmente solteiro, pois não há referências de compromisso. Demonstra simpatia por Dona Maria da Penha, mas é desmotivado a levar adiante sua intenção quando ouve as histórias contadas pelo caixeiro viajante Xixi Piriá e por outros personagens, como nas revelações a baixo:

Xixi Piriá contara-lhe tudo. Sozinhos, os dois, na beira do poço do bambuzal, Paulo foi arrancando do homenzinho toda a história da Maria da Penha. “- Bonita, doutor? O senhor precisava de ver quando ela saiu do colégio...” O mascate frequentava a fazenda do Boi solto desde os tempos de Maria da Penha menina; era ele quem lhe levava as encomendas pedidas ao pai, as cartas dele. E os recados também do Neco, filho do seu Gustavo da fazenda da Perdida – namoro antigo, mesmo antes de Maria da Penha ir para o internato de Santa Rita. “- Coitado do Neco – contara o Xixi Piriá – menino de ouro, trabalhador, ambicioso... E acabou se sumindo pelos gerais do Formoso, lá naquele oco de sertão, quando soube do noivado da Da. Penha com o Dr. Luisinho [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 117, grifo do autor).

O personagem Paulo, mostrava todo seu ânimo e encanto pela pescaria e o gosto em se relacionar com os amigos do sertão, onde podia sempre ouvir “bons causos”. Incomodava-se quando dependia das pessoas, pois não se sentia bem sabendo que talvez estivesse a incomodá-las. É o que acontece quando sofre de maleita **a malária do sertão** e precisa ficar sob os cuidados de Maria da Penha e seu pai. Como ilustra o texto a seguir:

Gente boa, Nenzinho e Alzira: carregaram-no para a cama de casal, deitaram-no, forraram-lhe a cabeça com travesseiros deles. Ali é que Nenzinho dormia com sua Alzira: ali conversavam de noite, faziam os seus planos, amavam-se em silêncio e com respeito (PALMÉRIO, 1983, p. 67).

O personagem desenvolveu grande estima, amizade e respeito pelo povo da região e preocupou-se com os resultados das eleições, temerosos de que com a

vitória de seu opositor, Chico Belo, seus amigos e demais moradores ficassem à mercê de um sistema opressor, como pode-se evidenciar nas palavras deste trecho de Palmério (1983): “E todos os outros que toparam a luta contra a chefão do lugar? Se Chico Belo ganhasse, aonde iriam parar os amigos? Política do interior não é política de centro grande – em que os adversários se abraçam e esquecem ofensas” (PALMÉRIO, 1983, p. 169-170).

Representa a figura idônea e íntegra de político, importando-se de verdade com o bem-estar do povo sertanejo. Empenhou-se ao máximo para exercer suas obrigações com político na região. Não poupou o auxílio dos amigos do sertão, inutilizara as patifarias do inimigo e o abuso policial do capitão Otávio, foram aniquiladas de vez com a forjada tocaia, realizada pelo deputado e seu tio Aurélio, que acionaram o juiz de direito Dr. Braga, da comarca de Santa Rita, com o objetivo de organizar uma rígida fiscalização, pondo fim às bandalheiras dos adversários.

Personagem de caráter, ao perceber que estava se envolvendo com Maria da Penha, decide recuar, já que não podia prosseguir com a aventura amorosa com a filha do fazendeiro para não trair a confiança de Seu Sebastião. Como no texto de Palmério (1983): “Uma judiação, uma indignidade, abusar da hospitalidade dele, aproveitar-se da falta de juízo da filha” (PALMÉRIO, 1983, p. 130). Certa vez, quase se esqueceu da amizade com o fazendeiro e cedeu à tentação da linda Maria da Penha. Paulo, contudo, foi protegido no momento exato em que a cobra sucuri atacou o boi no pasto e também em outra oportunidade, quando Maria da Penha o convidara a comparecer na casa da tia, como ilustra o texto a seguir:

“[...] Maria da Penha falava, aproveitando-se de um descuido qualquer. Fora na cozinha de Da Isaura – “tão sem-seca, o doutor, tão simples...” – que a viúva lhe dissera: “- Papai vai ver um gado amanhã cedo na fazenda do Seu Bento. Vai pousar lá... Você pode vir, a tia mora sozinha... entre pela portezinha do fundo do quintal... tem perigo não: espero você na janela do quarto, pegado a escada da cozinha [...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 299, grifo do autor).

Nessa ocasião, Paulo foi protegido pela tragédia ocorrida com a balsa. A única cena de sua conduta que trouxe resultado para as eleições foi a simulação da tocaia na mata do Corrente, que mudou o ambiente da eleição, deixando Vila dos Confins mais segura com a presença da força militar. Porém, esses acontecimentos não mudou os rumos da política, nem lhe deram o resultado esperado. Paulo ainda,

se aborreceria com as perdas pela tragédia no rio Urucanã, que causou a morte de Ritinha, a filha do seu amigo, o balseiro Gerôncio.

5.1 APROXIMAÇÕES POLÍTICO-LITERÁRIAS NA ATUAÇÃO DO CAIXEIRO-VIAJANTE XIXI PIRIÁ

O romance foi organizado a partir de desejo, planejamento e experiências passadas de Palmério como cidadão da região rural. Como filho da roça ou do interior, o autor iniciou seus estudos em uma pequena cidade e os expandiu no centro do sertão de Minas, onde teve oportunidade de observar, apreciar e conviver com a realidade sertaneja. Pôde-se observar as características do homem rural além das definições reducionistas que os situam como caipiras. Interessado pela geografia humana e especial da região, Mário tinha o hábito de anotar tudo o que via e vivia, analisando com atenção aquela vida que mais trade se tornaria seu material literário, como nas palavras de Fonseca:

Publicado em 1956 pela Editora José Olympio, essa obra trouxe uma relevante contribuição para a literatura brasileira. A autenticidade no uso do vocabulário sertanejo, o cuidado na descrição geográfica e a intimidade com o cotidiano do homem interiorano se entrelaçam em um testemunho legítimo da cultura rústica dos recônditos do Brasil. Em paralelo à exuberância impressionista na descrição do sertão, o autor se dedicou a relatar as mais surpreendentes lutas e conspirações políticas que ocorriam em currais eleitorais do interior (FONSECA, 2012, p. 11).

O ponto de destaque da obra **Vila dos Confins** é o fato de narrar a história do homem do sertão, indivíduo capaz de enfrentar os mais terríveis problemas de sobrevivência em um ambiente completamente agressivo, sendo ele entregue à própria sorte. Vítima do abandono dos governantes, esse homem é um herói representado pelo humilde homem da roça e o pobre mascate, homens pacíficos que convivem com toda a sorte de perigos, condenados pela falta de recursos, ao mesmo tempo em que se mostram capazes de crescer nos momentos de conflito e dificuldades, com o objetivo de lutar e vencer os mais terríveis opositores.

A referida obra literária tem seu início justamente com Xixi Piriá, que representa a ligação entre a cidade e o sertão. Ele é descrito como uma pessoa amável por todos no sertão. Na região, até os cães e as porteiras da estrada o reconheciam e gostam dele como pessoa de casa. Como desponta o texto a baixo:

Lá vem ele. E ganjento, pilantra: roupinha de brim amarelo, vincada a ferro; chapéu tombado de banda, lenço e caneta no bolsinho do jaquetão abotoado; relógio-de-pulso, pegador de monograma na gravata chumbadinha de vermelho. Fazenda nenhuma lhe cobra pouso; e merece comer na cozinha, com a dona da casa e as moças solteiras. É que em todo o Sertão dos Confins – e olhem que é um mundão largo de não acabar mais – não há mesmo quem não o conheça e não lhe queira muitíssimo bem. Passarinho miúdo, apresado. Botina chienta na areia que ringe também. Lá vem ele! (PALMÉRIO, 1983, p. 13).

Ao lado da descrição de um personagem característico da região, a obra revela também a luta do homem simples, educado e civilizado contra a ignorância e a força bruta, vencidos pela inteligência do mais fraco, armado apenas com a sutil esperteza e um punhal.

O romance de denúncia política é um meio de combater as injustiças, o abandono dos governantes e os mandos e desmandos dos coronéis locais que, por intermédio de seus temíveis jagunços tinham o poder de matar e destruir em nome de seu patrão.

Essa obra caracteriza-se como uma luta do civilizado contra o poder do primitivo, do desenvolvimento contra a força bruta, da democracia contra a violência, caracterizando-se como a caminhada do homem rumo à evolução social. Dessa forma, o homem e herói agora passam a ser o deputado Paulo Santos, acostumado a debater com as pessoas e desafiar as forças contrárias que, na obra, são representados pelos Belos e os Rochas, pessoas dispostas a tudo para manter seu poder sobre a região.

O protagonista deputado Paulo Santos é descrito percorrendo por todas as casas e fazendas do sertão mineiro, ensinando ao homem do campo como votar. Essa movimentação do personagem caracteriza bem a definição de aculturação, ou seja, tudo que ele ensina para as pessoas é fruto de uma ação de transformação, que pode ser explicada mediante a teoria desenvolvida por Rama.

5.2 O CARÁTER ATEMPORAL DE VILA DOS CONFINS

No romance **Vila dos Confins** acontecem múltiplas histórias independentes que se encaixam e mudam de ótica, de tempo e de espaço das ações. Contudo, a consistência é garantida pela atuação dos personagens, que são verdadeiros heróis,

capazes de enfrentar as hostilidades dos poderosos coronéis e da natureza, assim como da própria vida.

Padre Sammer, o representante eclesiástico no lugarejo e um admirável caçador, em particular de onças, treinado e corajoso, deixa a vila todos os anos para caçar pela região, como afirmam os registros dos relatos de suas histórias:

Nenhum remédio melhor que aquilo: os amigos reunidos na conversa fiada. O padre estava falando e alegre: - Fui longe, desta vez. Mas descobri as nascentes do Caracol e intirei as vinte onças, seu doutor. – Três dessa vezada? – admirou-se o Antero, - Da última vez, as contas andavam em dezessete... Pe. Sommer confirmou:
 - Três. E por pouco que não viram quatro.
 - Grandes? – Paulo quis saber.
 - Médias. Mas trouxe o couro de uma, que vai ser difícil achar vaca zebua do mesmo tamanho (PALMÉRIO, 1983, p. 81).

A humilde região do sertão mineiro era um lugarejo composto por uma esplêndida natureza, que abrigava inúmeros qualidades de mananciais, rios, brejos, matas e serrados, composta por farta e variadas espécies de peixes e animais de caças de grande e pequeno e grande porte. Como pode-se observar nas palavras do autor:

Se o Sertão dos Confins é magro de boas terras, tem lá as suas compensações. A caça encontra-se à vontade nas tiras de mato e nos varjões beira-rio: jacus, jaós, patos, e tudo o que é raça de passarão morador nas redondezas de água corrente e parada. Nos campos pragueja as caças miúda das perdizes, codornas, e nhambus. Para os que apreciam bichos de porte, há fartura de emas, queixadas, capivaras, e todo tipo de veados das três moradas: campeiro, catingueiro e mateiros. Antas e cervos não fugiram de todo ainda, apesar de um ou outro caçador que sempre dá de aparecer por aquelas bandas (PALMÉRIO, 1983, p. 8-9).

A região foi descrita pelo autor como lugar admirável para difundir sua obra literária de denúncia política e crítica social, abordando de forma reflexiva a prática realizada na política do interior. Embora tivesse encantos naturais que fascinavam seus moradores, o sertão dos confins mineiro era também um local angustiante para seu povo, que era punido quer pelas duras imposições da vida rural, quer pelo desamparo dos governantes. Como pode-se observar nas declarações de Fonseca (2012, p. 202-203) “[...] os fazendeiros, coronéis eram de fato os controladores da política em seus favores nas cidades do interior, eram eles quem controlavam tudo e todos”.

A permanência do deputado Paulo Santos no sertão dos confins transcorreu até o final da história, porém, o tempo não parece interferir no ritmo regular das coisas. No sertão, às vezes, o tempo parece ter parado, com dias extremamente longos. O seu trabalho político era realizado em visitas ao amigo pela manhã, tarde ou noite. É nessas visitas que também se davam os acordos para caçadas, como a da onça preta, que segundo o Pe. Sommer, a onça, pegou o pobre do jegue, a da pesca do surubim, além da história contada pelo padre na fazenda do Seu Sebastião, da sucuri apanhando o boi.

Os acontecimentos matinais, porém, são sempre mais reais, mais comuns e bem-sucedidos, como a reunião com o pessoal do diretório na venda do Jorge Turco, as viagens ao interior, a organização para as eleições, tudo era acertado ali, na venda e casa do Jorge Turco.

Importante destacar que o deputado Paulo Santos trabalhava também para ensinar a educação seu povo, uma vez que orientava os companheiros de partido a buscar alternativas para romper as imposições dos mais poderosos fazendeiros do sertão dos confins.

Para tanto, era necessário muitos sacrifícios por parte do deputado, como abrir mão do conforto da capital, das horas de descanso e do lazer com a família e amigos, do gasto de dinheiro do próprio bolso e da exposição da saúde no cumprimento da obrigação que abraçou. Além da árdua missão e da quase impossível vitória, ele sabia das dificuldades a serem enfrentadas e receava apenas pelo destino dos companheiros no caso de eventual fracasso. Conforme Palmério (1983, p.170): “E todos os outros que toparam a luta contra a chefão do lugar? Se Chico Belo ganhasse, aonde iriam para os amigos? Política do interior não é política de centro grande – em que os adversários se abraçam e esquecem ofensas [...]”.

O deputado se preocupava e tinha consciência do destino de seus amigos caso eles perdessem a eleição, uma vez que seriam alvo da vingança do coronel Chico Belo, que não perdoava os inimigos. Sendo assim, os esforços de Paulo precisavam ser mais intensos, lançando mão de todos os meios possíveis, até dos que a ética não recomendaria, como foi o caso da forjada tocaia.

Diante de um adversário perverso, muito mais poderoso economicamente e com muita influência política pela capital mineira, onde buscou auxílio do governo estadual, começou a se empenhar na conquista dos votos do interior. O governo estadual declara apoio ao coronel Chico Belo, enviando força policial para intimidar

os adversários, além de outras autoridades para ajudar a subornar as eleições e a consciência dos pobres e menos instruídos. Como pode-se contatar nas palavras abaixo:

- Ótimo, ótimo! Então, combinemos o seguinte: os senhores ficam comigo – o Coronel Rocha e o Dr. Osmírio em toda a zona de influência deles, e o Coronel Chico Belo na Vila dos Confins; o Governador fará imediatamente todas as nomeações do interesse dos senhores – se quiserem, já podem até viajar para a Vila dos Confins com o Capitão Otávio Jardim, que seguirá com ordem para requisitar o destacamento policial que julgar necessário. O novo intendente, esse irá logo depois, para não provocar gritaria na Assembleia; vou, antes, chamar o rapaz que está lá – já anotei, na Secretaria, o nome dele – e ele mesmo é quem vai solicitar a exoneração do cargo. Vou mandar para lá um elemento da minha confiança. [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 189-190).

João Soares era um fazendeiro respeitado e acostumado a fazer negócios pela região, tendo, portanto, larga experiência de vida e como negociante. Sabia que a luta contra o coronel Chico Belo não seria fácil, mas, para isso, contava com um político deputado com dimensão federal.

O coronel Chico Belo era orgulhoso, rico e tinha apoio do governador do estado, além de poder gastar a vontade, o que lhe deixava ainda mais forte. Já o deputado Paulo não podia fazer nada para evitar a catástrofe e precisou testemunhar suas derrotas e a de seus amigos, tanto na eleição, na qual perdeu por apenas oito votos, como na morte de Ritinha, a filha de um grande amigo, o balseiro Gerôncio, além da do bezerro azulego, que sustentava as esperanças de um novo recomeço para Nequinha Capador, ou seja, o sonho de voltar aos dias de prestígio, poder e de abundância como fazendeiro do Sertão.

Na obra é percebido, também, a partir do texto. O frequente uso de imagens, de figuras expressivas e de paisagens que privilegia as ações culturais e social manifestas no romance, que são integradas ao contexto, tão bem colocadas, que passam quase despercebidas a um leitor comum ou em uma leitura mais rápida, como desponta o texto a baixo:

A isca caiu na água, com aquele som molhado e fofo: tchibum!
 - Boa, muito boa... – aprovou o Gerôncio.
 - Então passe um gole, em homenagem ao lance (PALMÉRIO, 1983, p. 35).

Anzol iscado com muçum não esfria na água e vai parar certinho no bucho de um moleque dos seus oito ou dez quilotes. Isso, quando o pescador é azarado, porque na maioria dos casos o peixe costuma pesar arroba e

coisa. E não é novidade, não senhor, arrancar-se um pintadão de mais de cinco arrobas! (PALMÉRIO, 1983, p. 10-11).

Lá vem ele. E ganjento, pilantra: roupinha de brim amarelo, vincado a ferro; chapéu tombado de banda, lenço e caneta no bolsinho do jaquetão abotoado; relógio-de-pulso, pegador de monograma na gravata chumbadinha de vermelho. Fazenda nenhuma lhe cobra pouso; e merece comer na cozinha, com a dona da casa e as filhas solteiras (PALMÉRIO, 1983, p. 13).

João Fanhoso andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos. Desânimo, velhice. Mas tinha de reagir, manter pelo menos as aparências: os concorrentes andavam querendo tomar-lhe o lugar (PALMÉRIO, 1983, p. 75).

A voz ainda saía bonita, forte, alcançando longe. Pena o som meio rachado – donde o apelido de João Fanhoso, que lhe pregara a Argemira, mulatinha metediça, espevitada, mestra em botar nomes nos outros (PALMÉRIO, 1983, p. 75).

A ironia também é outro aspecto característico da obra, como pode-se notar em algumas passagens, sempre acompanhadas de bom humor e sem nenhuma agressão, como apresenta nessa passagem:

O Capetão sapateava no cocuruto da cabeça, pulava da nuca para a sobrançelha, num pulo só. Não, não era apenas um: eram muitos os demônios – demônios machos, demônios fêmeas; e se agarravam, casais trocando-se derrubando-se: bêbados, a fazerem desatinos por cima da fofice dos miolos. Rápidos: espojavam-se, esfregavam-se, e daquela sem-vergonheira nasciam enxames de capetinhas – já de rabo, já peludinhos, de chifre e fogo nos olhos. Por isso, o zumbido de abelha arapuá nos ouvidos [...] (PALMÉRIO, 1983, p. 60).

O autor discorre também sobre o abandono dos governantes e das imposições dos fazendeiros, apresentando, assim, os problemas da região dos confins mineiro. Dessa forma, no romance há descrições dos sertanejos e dos meios rurais, como pode-se notar nas palavras a baixo:

Tudo ia embora – tio Aurélio, Rosarita, a mula velha Realeza... essa, coitada, sempre triste, sempre triste, a cincerrar lamentosa, madrinha, dianteira de todos... “ – Bênção, tio!” Tio Aurélio ia embora, e Paulo ficava, muito tempo ainda, chorando escondido, debruçado no moirão da porteira grande. Como era comprida a estrada boiadeira! Como tardava a sumir do coração do menino o soluço fininho, tristonho – choro de gente velha – do cincerro longe da realeza!

“- Deus te guie, minha mula Realeza, velha madrinha de tropas! Vai com todas as tuas caduquices, as tuas implicâncias, as tuas faltas de paciência! Mas leva também a tua experiência, os teus conselhos, a tua sabedoria... E não demores muito não volta depressa, pelo amor de Deus, que eu já morro de saudades do meu tio Aurélio [...]” (PALMÉRIO, 1983, p. 63, grifo do autor).

Quanto aos personagens da obra, eles se assemelham aos da vida real, e, como tal, apresentam qualidades positivas e negativas, inclusive deformidades de caráter. São pessoas comuns do interior, gente simples, velhos conhecidos e prezados na região e pelos amigos. Palmério os apresenta com perfil voltado para a trama que cada um desenvolve. Sabe-se muito pouco, por exemplo, do passado de Paulo Santos, de Maria da Penha, do mascate Xixi Piriá, do fazendeiro Chico Belo, do Paulista Nequinha, do Padre Sommer, do tio Aurélio, dentre outros. O foco narrativo, pode-se considerar, detém-se na denúncia do sistema político fraudulento de um lugarejo do sertão mineiro.

Os demais componentes romanescos orbitam em torno desse tema e são plasmados metonimicamente como partes do todo, dispensando, assim, minudências.

6 CONCLUSÃO

Pelo desenvolvimento deste estudo, considerou-se que os caminhos de abordagem crítica sob o enfoque da transculturação narrativa, proposto por Ángel Rama, tornaram a leitura do romance **Vila dos Confins** reveladora de singularidade nos recursos autorais de Mário Palmério.

Como fruto de um processo de trocas, a pluralidade cultural, uma característica comum entre os países da América Latina, deveria ser representada dentro da literatura destas comarcas ideológicas.

No romance **Vila dos Confins**, explorando essa nova visão, registram-se processos transculturais por meio dos quais pôde-se constatar a incursão das experiências vivenciadas pelo autor mineiro, no seu trânsito da cidade para o meio rural, a fim de coletar informações necessárias para o desenvolvimento da obra em questão.

No transcurso deste trabalho, buscou-se analisar as atuações político - partidárias em uma região rural, recém - emancipada e dominada pelos poderosos senhores fazendeiros locais, os **coronéis** do sertão mineiro. O romance **Vila dos Confins**, uma produção literária mineira, promove reflexões sobre as ações político - culturais e as desigualdades vivenciadas tanto na luta contra autoritarismos como no processo dominador da região.

Em **Vila dos Confins**, história e literatura dialogam entre si com tal intensidade que ao leitor cabe a todo o tempo reconsiderar as fronteiras entre realidade e ficção. A partir dos níveis em que a transculturação narrativa pode operar, segundo Rama, o da linguagem é relevante na ambiência em que transitam os personagens de **Vila dos Confins**.

Verificou-se que na configuração dos personagens há uma fidelidade ao tipo social que cada um deles representa, sem que se perca, contudo, a referência ficcional. No estudo desenvolvido, chegou-se à percepção de que a temática versada por Mário Palmério, por ser uma constante nos interesses político - partidários que se confluem nas coligações transitórias de intenções eleitoreiras do interior do Brasil, faz com que se possa considerar o romance como atemporal.

Neste estudo, considerou-se em **Vila dos Confins** a presença e a influência do potentado local, representante do clã rural e que comumente ostentava a patente de coronel, por eleição do povo. Sob novas bases, o coronelismo não desapareceu,

mas numa evolução natural, condicionada a novos fatores, mantém-se em sua autoridade. Essa constatação fez com que ficasse registrada como considerações finais deste estudo a eficiência dos métodos de análise aqui empregados.

REFERÊNCIAS

ARGUEDAS, José Maria. **Os rios profundos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

AGUIAR, Flavio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. **Ángel Rama - literatura e cultura na América Latina**. Tradução de Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

BELLINE, Antonio. **A arte de educar**. São Paulo: Editora e Cultura, 2003.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rev. Atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudo de Teoria e História literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. 2. imp. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique; LANNI, Octávio. **Homem e sociedade**. Leituras básicas de sociologia geral. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral: v. 2**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama**. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007. 422p.

FONSECA, André Azevedo da. - **A Construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre ascensão social e política do autor de Vila dos Confins** / André Azevedo da Fonseca. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

_____. **História da cidadania** / PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi: (Org.). São Paulo: Contexto, 2003.

KOSHIBA, Luiz. **História geral e Brasil : trabalho, cultura, poder : ensino médio** / Luiz Koshiba, Denise Manzi Frayze Pereira. – São Paulo : Atual, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5. ed. São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1986.

LUNA, Luiz; BARBALHO, Nelson. **Coronel dono do mundo**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1983.

ORTIZ, Fernando. **El contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Cuba: Editorial de Ciências Sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la “Transculturación” y de sua importância em Cuba. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz>>. Acesso em: 12 maio. 2015.

ONOFRIO, Salvatore D'. **Teoria do texto**. 2. ed. 4. imp. São Paulo: Editora Ática, 2004.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1983.

ROCCA, Pablo. (Org.). **RAMA, Ángel – Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SIQUEIRA, Euler David. **Antropologia: uma introdução**. Juiz de Fora: Sistema Universidade Aberta do Brasil, UFJF, 2007.

SCHMITT, Maria Aparecida Nogueira. Mário de Andrade: incorporação das cosmogonias ameríndias em *Macunaíma*. **Revista Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v.10, n. 18, 2010.

_____. **Utopias transculturais na heterogeneidade latino-Americana**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2013.